

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CMG KEN WILLIAMS SCHONFELDER

A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA EM APOIO AO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO  
DO EMPREGO ESTRATÉGICO DO PODER NAVAL.

A utilização de fontes abertas na inteligência em apoio ao planejamento e emprego do Poder  
Naval.

Rio de Janeiro

2015

CMG KEN WILLIAMS SCHONFELDER

A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA EM APOIO AO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO  
DO EMPREGO ESTRATÉGICO DO PODER NAVAL.

A utilização de fontes abertas na inteligência em apoio ao planejamento e emprego do Poder  
Naval.

Monografia apresentada à Escola de Guerra  
Naval, como requisito parcial para a conclusão  
do Curso de Política e Estratégia Marítimas.

Orientador: CMG (RM1) Luiz Carlos de  
Carvalho Roth

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2015

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe **JEAN** que sempre me apoiou e torceu nesta jornada e ao meu pai **FRIDOLIN** (in memoriam) que mesmo ausente reside em minhas boas recordações.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, atribuo a minha mais profunda gratidão à Marinha do Brasil, pois me permitiu compartilhar momentos de inegável importância sobre questões que permeiam a Política e a Estratégia Marítimas, em companhia de um seleto grupo de oficiais das Forças Armadas brasileiras, da Marinha Mercante e servidores civis. Cabe ressaltar o apoio de meu orientador Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1) Luiz Carlos de Carvalho Roth, que se mostrou presente durante todo período de realização desta monografia, sendo de inestimável valia suas recomendações quanto à bibliografia básica a ser empregada. Não posso deixar de registrar o apoio mútuo prestado por todos Oficiais Alunos do CPEM 2015 que sempre estiveram prontos para esclarecer qualquer dúvida inerente a magnitude de um trabalho desta natureza, assim como, compartilhar todo material encontrado que pudesse ser útil para confecção dos diversos trabalhos.

## RESUMO

O mundo, neste início de século XXI tem passado por grandes transformações que se refletem nas atividades de inteligência, na disponibilidade de conhecimentos, na forma e na velocidade com que esses são disponibilizados e atualizados. As formas clássicas de obtenção não conseguem abranger a atual disponibilidade do conhecimento na velocidade requerida para que seja eficaz. Como uma evolução da teoria anteriormente empregada surge a inteligência por fontes abertas, conhecida como *Open Source Intelligence* que se vale das mesmas técnicas que permitem a disseminação para efetuar a coleta e complementa o emprego das ferramentas em uso. O emprego desse novo processo de obtenção de conhecimento também responde a um questionamento quanto à ética na obtenção de inteligência. Esta monografia tem o propósito de apresentar a base teórica da inteligência por fontes abertas como uma evolução da teoria anteriormente existente e sua possível aplicação dentro da Marinha do Brasil. Para tanto, o trabalho foi iniciado descrevendo a teoria elaborada por Sherman Kent ao final da segunda guerra e a apresentação de uma rápida evolução da inteligência até o surgimento da inteligência por fontes abertas ao final do século passado. Em seguida, analisou-se a teoria de Robert David Steele atinente à inteligência por fontes abertas, sendo apontadas algumas das evoluções em relação à teoria anterior. Ao final, com base no conhecimento obtido, apresentaram-se algumas sugestões de utilização da inteligência por fontes abertas a serem empregadas pela Marinha do Brasil em nível estratégico.

Palavras-chave: Inteligência, Inteligência por fontes abertas, Ética, Marinha do Brasil, Sherman Kent, Robert David Steele, Nível estratégico.

## ABSTRACT

The world, at the beginning of the twenty first century, has been going through major transformations that reflect at the intelligence activities, the availability of knowledge in the way and the speed in which they are made available and updated. The classic ways of obtaining intelligence cannot cover the current availability of this knowledge at the required speed to be effective. As an evolution of previously employed intelligence theory arises the open source intelligence that makes use of the same techniques which allows the dissemination to make the collection, and complements the use of other tools. The use of this new process also answers to questions about the ethics of obtaining intelligence. This monograph aims to present the theoretical basis of “open source intelligence” as an evolution of previous theory and its possible application within the Brazilian Navy. Thus, the work began describing the theory developed by Sherman Kent at the end of World War II and the presentation of a fast intelligence evolution until the emergence of the open source intelligence at the end of the last century. Then it was analyzed the theory of Robert David Steele regarding open sources intelligence, when the development from the previously theory was identified. At the end, based on the gained knowledge, some suggestions were presented for the open source intelligence to be employed by the Brazilian Navy at the strategic level.

Keywords: Intelligence, Open Source Intelligence, Ethics, Brazilian Navy, Sherman Kent, Robert David Steele, Strategic Level.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ad Hoc-	expressão latina cuja tradução literal é “para isto” ou “para esta finalidade”
AIS -	<i>Automatic Identification System</i>
CDS -	Conselho de Defesa Sul-Americano
CG-	Centro de Gravidade
CIA-	Central de Inteligência Americana
COMINT -	<i>Communications Intelligence</i>
CSM -	Consciência Situacional Marítima
DBM -	Doutrina Básica da Marinha
DPKO -	<i>Department of Peacekeeping Operations</i>
ECiber-	Espaço Cibernético
EEI -	Elementos Essenciais de Informação / Inteligência
EGN -	Escola de Guerra Naval
EM -	Estado-Maior
EUA -	Estados Unidos da América
FA -	Forças Armadas
FC -	<i>Force Commander</i>
FT -	Força Tarefa
GAP-	<i>Gray Area Phenomena</i>
GC-	Guerra Cibernética
GCM -	Gabinete do Comandante da Marinha
HUMINT -	<i>Human Intelligence</i>
IHS -	<i>Information Handling Service</i>
IMINT -	<i>Imagery Intelligence</i> - Inteligência de Imagens
INTCOM-	Inteligência de Comunicações

ISW -	<i>Institute for the Study of War</i>
JIATF-S	<i>Joint Interagency Task Force South</i>
JMAC -	<i>Joint Mission Analysis Center</i>
MB -	Marinha do Brasil
MD -	Ministério da Defesa
MINUSTAH-	<i>United Nations Stabilization Mission in Haiti</i>
NGO-	<i>Non-Governmental Organization</i>
OEA -	Organização dos Estados Americanos
OM -	Organização Militar
ONG -	Organização Não Governamental
ONU -	Organização das Nações Unidas
OODA -	Observar, Orientar, Decidir e Agir.
OSINT-	<i>Open Source Intelligence-</i> Inteligência a partir de fontes abertas.
OTAN -	Organização do Tratado do Atlântico Norte.
PIO -	<i>Public Information Office</i>
PKI -	<i>Peacekeeping Intelligence.</i>
PND -	Política Nacional de Defesa.
PPM -	Processo de Planejamento Militar.
SAR -	<i>Search And Rescue</i>
SIGINT -	<i>Signal Intelligence</i>
SisGAAZ -	Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul
SRSG-	<i>Special Representative of the Secretary-General</i>
STRATFOR-	<i>Strategical Forecast</i>
TI -	Tecnologia da Informação
UN -	<i>United Nations</i>

UNASUL - União das Nações Sul-Americanas

UNIFIL- *United Nations Interim Force in Lebanon.*

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

VC - Vulnerabilidades Críticas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.</b>	10
<b>2</b>	<b>INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA.</b>	14
2.1	Inteligência como conhecimento.	17
2.2	Inteligência como organização.	22
2.3	Inteligência como atividade.	30
2.4	As eras da inteligência.	35
2.5	Considerações parciais.	39
<b>3</b>	<b>AS FONTES ABERTAS NA INTELIGÊNCIA- OSINT.</b>	42
3.1	Definições iniciais e importância da <i>OSINT</i> .	43
3.1.1	Definições iniciais.	43
3.1.2	Importância da <i>OSINT</i> .	45
3.2	A necessidade da <i>OSINT</i> .	49
3.3	Uma metodologia de obtenção de inteligência segundo Robert David Steele.	53
3.3.1	Pressupostos iniciais.	53
3.3.2	Metodologia.	59
3.4	Considerações parciais.	68
<b>4</b>	<b>O EMPREGO DA <i>OSINT</i> NA MARINHA DO BRASIL.</b>	72
4.1	A <i>OSINT</i> como apoio a uma missão de paz.	74
4.2	A <i>OSINT</i> como apoio a inteligência referente ao entrono estratégico.	80
4.3	Considerações parciais.	82
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.</b>	84
	<b>REFERÊNCIAS.</b>	89
	<b>ANEXOS.</b>	92

## 1 - INTRODUÇÃO

Qual a importância da inteligência com “fontes abertas” ou *OSINT*<sup>1</sup> para subsidiar o preparo e emprego do Poder Naval?

A hipótese a ser empregada neste trabalho é que a utilização de fontes abertas na inteligência possui uma ampla possibilidade de emprego como subsídio para o preparo e emprego do Poder Naval

A utilização das fontes abertas na obtenção de dados<sup>2</sup> é uma prática antiga, porém seu emprego foi incrementado com a popularização da internet.

Pode-se estabelecer um paralelo entre o que é a internet nos dias de hoje com o que foi o surgimento da imprensa de Gutenberg, pela forma com que popularizaram e incrementaram a divulgação de informações e conhecimento.

Com isso a disponibilidade de dados, alguns inclusive sensíveis, cresceu de uma forma exponencial. O que antes se restringia à leitura de periódicos ou livros, sempre com um considerável lapso de tempo, hodiernamente pode ser acompanhado ou obtido em tempo real.

Essa disponibilidade impacta sobre o ciclo de decisão conhecido como OODA<sup>3</sup> ou de Boyle, afetando os processos relacionados à assessoria de inteligência, fazendo com que, de forma redundante o processamento da decisão ocorra de uma forma mais expedita.

Também se pode observar um impacto muito grande na quantidade de informações disponibilizadas. Atualmente cerca de 95% de todos os dados obtidos em proveito da inteligência são advindos de fontes abertas (STEELE, 2002 p. 129-148)<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup>*OSINT- Open Source Intelligence.*

<sup>2</sup>Dado – é o elemento ou a base para formação de juízo, a ser utilizado na produção de conhecimento. É uma declaração de uma situação que existe, ou existiu, em algum local, tempo e espaço. É inequívoco em natureza e pode se relacionar com acontecimentos no passado ou no presente; sendo histórico ou atual. É definido como dado não processado que pode ser usado na produção de conhecimentos e informações.

(BRASIL, **MD30-M-01- Doutrina de Operações Conjuntas**. 1 ed. Ministério da Defesa Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2011. p. 124.)

<sup>3</sup>OODA- Observar, Orientar, Decidir e Agir.

<sup>4</sup>Os 5% restantes de informação advindas da atividade de busca são de extrema valia sendo por vezes a parte imprescindível para compreensão do todo não podendo ser substituída pela obtenção por meio de fontes abertas. Ambas são complementares.

Esse quantitativo de informação coletada possui um custo reduzido, se comparado àqueles envolvidos em uma atividade de busca de dados.

Robert David Steele no capítulo dedicado a *OSINT* no “*The Handbook of Intelligence Studies*”<sup>5</sup> informa que as fontes abertas não substituem satélites, espiões ou estruturas e capacidades de inteligência existentes, porém é uma base forte para planejamento e execução de operações envolvendo um espectro desde as humanitárias até a guerra total.

Steele apresenta as seguintes fontes para emprego na *OSINT*:

- a) mídia tradicional;
- b) internet;
- c) fontes ou serviços comerciais (pagos);
- d) literatura especializada não disponibilizada facilmente na internet (*gray literature*);
- e) pessoas com reconhecido saber em determinado assunto;
- f) imagens comerciais;
- g) acesso a intranet (internet interna de empresas) e gerenciamento de acesso.

Já Donald L. Madill conclui seu artigo para *Military Intelligence Professional Bulletin* da seguinte forma:

A realidade externa é a mesma independentemente como foi obtida. Isto explica como os mesmos dados podem ser classificados como sendo ou não sigilosos. Significa apenas que para sua obtenção foram empregados meios não autorizados pelo proprietário e investidas somas a fim de adquirir a partir de fontes sensíveis a mesma informação que poderia ser obtida de fontes abertas. Assim, as informações de fontes abertas, devidamente analisadas, podem ser uma valiosa fonte com baixo custo para produção de inteligência. É um trabalho de profissionais de inteligência explorar essa “mina de ouro” de informações, extrair os dados úteis com valor potencial de inteligência, e refiná-los em produtos de inteligência.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> JOHNSON, Lock K; **The handbook of intelligence studies**, 1.ed. New York: Taylor & Francis e-library, 2006.p. 129-148.

<sup>6</sup>Tradução nossa “The foreign reality is the same, regardless of how we find out about it. This explains how some facts can be “classified” and unclassified at the same time. It merely means that someone went to a lot of trouble and expense to acquire from sensitive sources the same information that could be derived from open sources. Thus, open source information, propely analyzed, can both a valuable and a cost-effective part of intelligence production. It is job of intelligence professionals to exploit this goldmine of information, extract the useful nuggets with potential intelligence valu, and refine them into

Um fator relevante é o envolvimento do Brasil, com participação de tropa e navios em Missões de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU), notadamente a Missão de Paz no Líbano, única que possui no espectro de missões de paz uma Força Naval, atualmente sob o comando de um almirante brasileiro; e a missão do Haiti, comandada por um general também brasileiro. No ambiente de missões de paz, porção considerável das informações são obtidas por meio de fontes abertas, já que as informações classificadas não são disponibilizadas entre os países participantes dela.

Convém ressaltar que o mesmo dado obtido dependendo de sua relevância e processamento poderá ser utilizado desde o nível tático até o político<sup>7</sup>, qualificando a fontes abertas como origem para diferentes níveis. Nesse aspecto, novamente Steele, que escreve um capítulo dentro do compêndio de Johnson, apresenta os diferentes níveis de análise da *OSINT* como sendo o Planejamento Estratégico<sup>8</sup>, a Coordenação Operacional, o Emprego Tático e os subsídios para o estabelecimento dos Requisitos de Aquisições oriundos do Planejamento de Força<sup>9</sup>. O primeiro e o último têm íntima ligação com o nível estratégico. Essa interação entre os diversos níveis é também explorada por Edward Lutwark em sua obra *Estratégia a lógica da Guerra e da Paz*<sup>10</sup>.

Os aspectos acima serão discutidos no transcorrer desse trabalho, sendo sua divisão realizada em três capítulos. No segundo capítulo que se segue a essa introdução, será discutida a teoria apresentada por Sherman Kent, considerado “o pai da inteligência moderna”, que serve de referencial teórico para esse trabalho. Ao término desse capítulo será apresentada uma rápida evolução desde a época da teoria apresentada até o surgimento do

---

finished intelligence products.”

(MILITARY INTELLIGENCE, Fort Huachuca (Az): October- December 2005: Disponível em [https://fas.org/irp/agency/army/mipb/2005\\_04.pdf](https://fas.org/irp/agency/army/mipb/2005_04.pdf) Acesso : 29Mar2015.)

<sup>7</sup> Na realidade todos tipos de dados possuem esta característica.

<sup>8</sup>No decorrer do desenvolvimento basicamente será abordado o nível estratégico.

<sup>9</sup>JOHNSON, Lock K; **The Handbook of Intelligence Studies**, 1. ed. New York: Taylor & Francis e-library, 2006. p.. 129-148).

<sup>10</sup>LUTTWAK, Edward N.; **Estratégia – A lógica da Guerra e da Paz**, 1.ed. Biblioteca do Exército Editora, 2009. p. 125- 129.

referencial teórico elaborado por Steele concernente ao emprego de fontes abertas. Este referencial será apresentado, discutido e comparado sob alguns aspectos com o de Kent no terceiro capítulo desse trabalho. Antes da conclusão será abordado em um quarto capítulo sugestões de aplicações da *OSINT* na MB.

Os objetivos de pesquisa do trabalho são: estudar e definir os princípios da inteligência em seus primórdios, utilizando o pressuposto teórico a partir de Sherman Kent; analisar a evolução da inteligência em particular o avanço da importância do emprego da fonte aberta baseado em Steele; e avaliar a importância da fonte aberta como subsídio ao planejamento e emprego do Poder Naval.

A pesquisa ficará limitada as referências teóricas de Sherman Kent e Robert Steele com a inclusão de artigos de outros atores que possam apoiar a pesquisa, sendo somente empregados documentos doutrinários ou legais quando for necessário explicar ou detalhar algum conceito específico.

Este trabalho pretende apresentar a importância da *OSINT* utilizando o referencial teórico de inteligência por fontes abertas apresentada por Steele . Assim se pretende disponibilizar uma base para futuras normatizações teóricas para emprego da *OSINT* pela Marinha do Brasil.

## **2- INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA**

Neste capítulo discorreremos sobre inteligência estratégica e sua importância. Para tal, abordaremos sua definição, sua ligação com o nível político estratégico, assim como a gênese da informação que são os dados. Após isso, baseado em Sherman Kent, desenvolveremos o assunto empregando a mesma metodologia apresentada em seu livro “Informações Estratégicas<sup>11</sup>” empregando sua nomenclatura para as partes constituintes deste capítulo. O foco da análise será obter uma base teórica para o emprego da inteligência a partir de fontes abertas.

Na parte atinente à “informação como conhecimento” descreveremos, segundo Kent as três formas de obtenção de conhecimento estratégico que são interdependentes e encadeadas.

Logo após verificaremos como Kent organiza uma estrutura de inteligência estratégica e estabelece seu desenho funcional.

Na sequência verificaremos como ele sugere alguns pontos basilares de uma metodologia de obtenção de inteligência estratégica assim como as principais relações entre os produtores e utilizadores desse processo por ocasião de sua produção.

Após esgotar o autor encerraremos o capítulo passando por uma breve discussão das eras da inteligência segundo J.F.Holden – Rhodes de forma a efetuar uma conexão entre a época em que Sherman Kent escreveu sua obra (pós Segunda Guerra Mundial) e o final do século passado, quando a *OSINT* começa a ter um emprego mais amplo como descrito por Rhodes.

É importante ressaltar que nos dias de hoje, nenhuma atividade humana pode ser eficazmente desempenhada sem o pleno conhecimento daquele “ente” com o qual interagimos, seja um parceiro ou oponente, inserido em um relacionamento cooperativo,

---

<sup>11</sup>O título original da obra de Sherman Kent é “*Strategic Intelligence for American World Policy*”, que foi publicado no Brasil pela BIBLIX em 1967 com o título “Informações Estratégicas”. Importante lembrar que naquela ocasião a expressão Inteligência ainda não era de uso comum no país. Como exemplo podemos citar que o principal órgão de inteligência do país era o Serviço Nacional de Informações (SNI) (KENT, Sherman; Informações estratégicas. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967. 213p.)

competitivo ou entre estes extremos. Esse conhecimento não é limitado somente ao interlocutor, devemos também conhecer o ambiente sob todos os aspectos e por último, porém não menos importante, a nós e nossa corporação ou entidade. A afirmativa anterior pode ser encarada como um dogma<sup>12</sup> já que é um lugar-comum em qualquer diálogo sobre o assunto. A necessidade desse conhecimento por parte da humanidade perde-se no tempo, seja pela busca de oráculos na mitologia greco-romana, seja pela necessidade de se conhecer o “futuro” por meio de adivinhos. Exemplos disso encontram-se também espalhados em diversos compêndios da antiguidade, seja na Bíblia, para civilizações ocidentais, na “Arte da Guerra<sup>13</sup>” de Sun Tzu para a vertente oriental ou em tradições orais dos habitantes do novo mundo que a nós chegaram. Esses exemplos e essa necessidade do “conhecer o por vir”, associado ao conhecimento de nós próprios, de nossos interlocutores assim como do ambiente que cerca e limita as relações entre os interlocutores será a base e a amálgama da inteligência.

A definições de Inteligência Estratégica de Sherman Kent, reconhecido como um dos pais fundadores da inteligência dos Estados Unidos da América é a que se segue:

Os conhecimentos que nosso Estado deve possuir em relação aos outros Estados, a fim de assegurar que nem a sua causa nem suas iniciativas, falhem, devido ao fato de seus estadistas e soldados planejarem e agirem na ignorância. Esse é o conhecimento sobre o qual baseamos nossa política nacional de alto nível em relação aos outros Estados<sup>14</sup>.

A definição acima se reveste de importância, pois ela coloca essa categoria de inteligência (estratégica) no nível de análise deste trabalho, separando-as das inteligências tática e operacional. Apesar de ser importante um grau de entrelaçamento entre os diversos níveis, sendo o estratégico aquele que orientará os níveis abaixo, deve-se ter em mente o escopo, que no caso proposto é permitir a elaboração de estratégias de forma a atingir um

---

<sup>12</sup>Dogma- Fundamento ou ponto capital de qualquer sistema ou doutrina. Proposição apresentada como incontestável ou indiscutível.

(DOGMA, In : significados Br. Disponível em : <[www.significado.com.br/dogma](http://www.significado.com.br/dogma)> Acesso em. 10 jul. 2015)

<sup>13</sup>TZU, Sun. A Arte da Guerra, 11ª ed. Record, 1983

<sup>14</sup>KENT, Sherman, **Informações Estratégicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.p. 17.

determinado objetivo político. Logicamente o planejamento e o emprego do Poder Naval estarão subordinados ao nível político.<sup>15</sup>

No caso da Marinha do Brasil (MB), essa subordinação será primeiramente ao Ministério da Defesa (MD) a quem caberá orientar quais os objetivos políticos a serem perseguidos pela Força. Importante ressaltar que a obtenção de dados a partir de fontes abertas atende ao preconizado acima.

Reforçando o citado por Sherman Kent, Washington Platt amplia a definição de inteligência estratégica nos dizendo que “são os conhecimentos sobre os quais se devem apoiar as relações exteriores de nosso país, na paz e na guerra<sup>16</sup>.”

Essa ampliação de conceito é relevante pois permite estabelecer uma ligação entre os níveis estratégico e político, já de certa forma expostos na primeira definição apresentada, porém mais detalhado e com respaldo de um outro autor, responsável pela sugestão de criação de uma metodologia nessa área de conhecimento. Fruto disso já podemos falar em um nível político-estratégico ao nos aprofundarmos no assunto.

Ressalta-se que toda informação nasce primordialmente de um dado, cuja definição é um fato relevante para obtenção de um conhecimento. O dado, por ocasião de sua obtenção não poderá ser classificado como de nível tático, operacional ou político-estratégico. Essa associação se dará em função da utilização dele, sendo plausível que um mesmo dado seja associado para inteligência de níveis diversos, dependendo da forma em que for empregado, assim como da demanda do analista que estiver processando aquele dado.

### **2.1- Inteligência como conhecimento**

Atualmente, em plena era da informação, afirmar que inteligência é conhecimento pode parecer ressaltar o óbvio. Sherman Kent elaborou esse conceito logo após a Segunda Guerra Mundial, quando tal conceito não era de tal forma disseminado e as ferramentas hoje existentes, em particular as inerentes internet, nem eram previstas.

Kent designa operações de levantamento como sendo “vários processos pelos quais o mundo contemporâneo é mantido sob íntima e sistemática observação” e operações de

<sup>15</sup> Ressalta-se que no Brasil os níveis de decisão são quatro, a saber: político estratégico, operacional e tático. Nos Eua inexistem o nível político sendo dividido em três níveis.

<sup>16</sup> PLATT, Washington, **A produção de informações estratégicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1974. p. 19.

pesquisas como sendo “as tentativas de criar quadros compreensíveis do que foi observado no passado, a fim de facilitar a compreensão que está ocorrendo agora” (KENT, 1967 p. 18), logo as operações de levantamento são as coletas<sup>17</sup> ou buscas<sup>18</sup> de informações sobre o que está ocorrendo acerca do objeto em observação e as operações de pesquisas a pesquisa do que ocorreu sobre determinado objeto em observação.

No que tange às operações de pesquisa, é bom ter em mente dois conceitos relevantes. O primeiro é o *Zeitgeist*<sup>19</sup> que representa o espírito do tempo, o segundo é procurar evitar a falácia de Parmênides<sup>20</sup>.

Basicamente ambos conceitos nos apontam que não devemos analisar um fato ou uma ocorrência sem considerarmos a mentalidade da época em que ocorreram, nem devemos assumir como verdadeiro que um desdobramento ocorrido em outros tempos irá se repetir da mesma forma no tempo presente ou que o futuro será moldado pelas “certezas” de agora.

É importante também considerar que hoje as alterações de mentalidade assim como o ambiente em que estamos inseridos se atualizam e modificam de forma mais expedita, refletindo de forma decisiva no entendimento e abordagem dos fatos. Uma ocorrência ou determinado fato que causaria um determinado desdobramento em tempos idos, hoje pode

---

<sup>17</sup> Na doutrina brasileira coleta possui a seguinte conceituação: obtenção do conhecimento ou dado disponível. Por disponível entende-se o fato de o conhecimento ou dado ser de livre acesso a quem procura obtê-lo.

(BRASIL, MD32-M-01- Doutrina Inteligência Operacional para Operações Combinadas. 1 ed. Ministério da Defesa Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2006. p.35.)

<sup>18</sup> Na doutrina brasileira busca possui a seguinte conceituação: é a atividade sigilosa voltada para obtenção de dados não disponíveis e protegidos por medidas de segurança estabelecidas por quem os detém. No próprio interesse o inimigo empenhará todo esforço a fim de impedir o êxito de qualquer tentativa de obtenção dos dados ou conhecimentos sobre suas atividades.

(BRASIL, MD32-M-01- Doutrina Inteligência Operacional para Operações Combinadas. 1 ed. Ministério da Defesa Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2006. p.35.)

<sup>19</sup>Zeitgeist significa o espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. O zeitgeist é o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

(ZEITGEIST. In: significado.com.br. Disponível em: <[www.significado.com.br/zeitgeist/](http://www.significado.com.br/zeitgeist/)> Acesso em: 10 jul.2015)

<sup>20</sup>Falácia de Parmênides – falácia lógica que resulta da comparação de tempos diferentes, por exemplo, estabelecer a certeza de um determinado futuro baseando-se no presente, ou fazer juízos de valor acerca de um passado longínquo estabelecendo como paradigmas de análise os valores do presente. Tipo de argumentação que vai buscar no passado as premissas que permitam a validação da conclusão no presente, como se o tempo não tivesse passado.

(FALÁCIA DE PARMÊNIDES-. In: Sofos expressões filosóficas. Disponível em: <[www.sofos.wikidot.com/falacia-de-parmenides](http://www.sofos.wikidot.com/falacia-de-parmenides)> Acesso em: 10 jul 2015)

ocasionar desdobramentos perfeitamente plausíveis no nosso espírito do tempo, porém desconexos à luz de tempos anteriores.

Sherman Kent também chama a atenção a um dos problemas, que é decidir quais assuntos devem ser observados, comunicados às autoridades superiores ou tornado objeto de uma pesquisa, definindo a ordem de prioridade desses assuntos<sup>21</sup> (KENT, 1967 p. 22).

As três etapas de produção de conhecimento estratégico pelas organizações de inteligência, segundo Kent, são “a descritiva básica (pesquisa básica), a narrativa (avaliações correntes) e a especulativa avaliativa (estimativa)” (KENT, 1967 p. 21).

A descritiva básica ou elemento descritivo dos conhecimentos estratégicos é o alicerce da forma de produção narrativa e da especulativa avaliativa. É a base sem a qual qualquer especulação sobre o futuro perde sua significação (KENT, 1967 p. 25).

Esse processo é a descrição com pormenores do conhecimento coletado sobre um determinado objeto, mormente um outro Estado. É uma descrição com profundidade e abrangência, sendo que seu resultado será quase um compêndio enciclopédico. Deve permitir a partir dos dados coletados tanto obter conhecimentos específicos quanto conhecimentos limitados e com profundidade (KENT, 1967 p.25-41).

Esse é basicamente um método de pesquisa sobre determinado objeto em que se busca conhecer tudo que possa ser útil do ponto de vista estratégico, o que torna um empreendimento de certa forma trabalhoso, dado a quantidade de dados e áreas de conhecimento que se fazem necessários abranger.

Pode-se exemplificar o problema da abrangência ao se delimitar um estudo visando aplicação do Poder Naval<sup>22</sup>. Para tal seriam necessários conhecimentos estratégicos

---

<sup>21</sup>Em relação a esse problema, foi amplamente divulgado pela mídia à época, que diversas agências de inteligência dos Estados Unidos não deram a devida atenção aos sinais que indicavam a movimentação dos terroristas que viriam a realizar os afamados atentados de 11/09/2001 dentro do seu território. Este exemplo apresenta a complexidade em priorizar os diversos dados coletados, em que não obstante as inovações tecnológicas, e lições aprendidas nesse meio século desde a apresentação dessa problemática, ela permanece atual e talvez possa ser apontada como uma das grandes vulnerabilidades da atividade de inteligência. Com as fontes abertas disponíveis nos dias de hoje esse problema está mais agravado.

<sup>22</sup>Poder Naval- Componente militar do Poder Marítimo, capaz de atuar no mar, nas águas interiores e em certas áreas terrestres limitadas de interesse para as operações navais, incluindo o espaço aéreo sobrejacente, visando a contribuir para a conquista e a manutenção dos objetivos identificados na Política Nacional de Defesa (PND). (BRASIL, **EMA- 305- Doutrina Básica da Marinha (DBM)**. 2 Rev. Estado-Maior da Armada, 2014. p. A-20 e A-21.)

sobre o Poder Marítimo<sup>23</sup> de um determinado Estado, sendo que diversos componentes constituem essa expressão do Poder Nacional e esses devem ser plenamente abrangidos nessa busca por conhecimentos.

Não obstante a maior facilidade de coleta de dados a partir de fontes abertas, a contrapartida é que muito mais informação se encontra disponível, permanecendo válida a recomendação de Kent que não somente o pessoal envolvido na tarefa de informações as colete, sendo necessário o apoio de outros setores.

A produção de narrativas ou conhecimentos correntes é uma atualização dos pontos relevantes da produção descritiva. É uma atualização realizada observando-se os acontecimentos do dia a dia (levantamentos) priorizando os fenômenos a serem observados. Pode-se priorizar de acordo com as áreas de interesse da estratégia nacional ou por meio das observações das atividades humanas, sendo que este último método possui a vantagem de seguir uma ordem lógica, porém pode deixar de atentar a assuntos importantes em detrimento de outros de menor importância. As subdivisões formais (atividades humanas) apresentadas por Sherman Kent são as seguintes: personalidades; geografia; militar; economia; política; social; moral; e técnico-científico.

Por fim Kent relata que o problema será “saber que fragmentos do enorme conjunto devem realmente ser postos em observação.” A resposta a esse questionamento será colocar em observação os assuntos relacionados com questões em evidência, devendo-se manter aqueles já obrigatoriamente acompanhados<sup>24</sup> (KENT, 1967 p. 43-50).

Quanto ao elemento especulativo avaliativo este é o que se reveste de maior importância na produção de conhecimentos estratégicos, assim como é o de mais complexo entendimento. Resumidamente ele representa a necessidade de informações que devem ser

---

<sup>23</sup>Poder Marítimo – Capacidade resultante da integração dos recursos de que dispõe a Nação para a utilização do mar e das águas interiores, quer como instrumento de ação política e militar, quer como fator de desenvolvimento econômico e social. (BRASIL, **EMA- 305- Doutrina Básica da Marinha (DBM)**. 2 Rev. Estado-Maior da Armada, 2014. p. A-20.)

<sup>24</sup>A atualização descrita pode ser encarada como uma grande manutenção dos dados existentes que dependendo da capacidade da agência de inteligência, podem ser restritos a busca pela atualização de determinada vertente do assunto face a uma necessidade. Deve-se também aproveitar todas oportunidades presentes para atualizar os conhecimentos obtidos, caso possível, empregando o apoio de pessoal não pertencente a agência.

obtidas para poder prever o que ocorrerá. A questão principal se resume em saber quais são os conhecimentos acerca de outros Estados que são necessários para se fazer as previsões. Visando racionalizar tal busca, Kent utiliza dois conceitos importantes: a estatura estratégica e a vulnerabilidade específica (KENT, 1967 p. 50-52).

A estatura estratégica é definida por Kent como “a soma total dos meios coatores<sup>25</sup> e suasórios<sup>26</sup> que um Estado possui e tenha vontade de usá-los assim como adaptação ao uso”, ou seja são as possibilidades e limitações disponíveis àquele Estado para exercer influência.

Uma das características associadas à estatura estratégica é a situação objetiva<sup>27</sup> que possui ao menos dois elementos presentes, a localização geográfica do Estado e o tempo. Ambos são analisados em conjunto visando compreender seu relacionamento e interdependência de forma a verificar a influência exercida por eles.

A estatura estratégica também deve ser medida por duas outras dimensões relevantes, os instrumentos não militares de política e estratégia, que se caracterizam pelo seu peso, adequação e eficiência e o potencial de guerra (KENT, 1967 p. 52-54).

Entende-se como instrumentos não militares de política e estratégia, todas as ferramentas que o Estado possa dispor para persuadir outro Estado a atender as suas demandas. Elas vão desde as notas diplomáticas oficiais até os embargos econômicos. São todos os instrumentos de pressão de um Estado, que estarão condicionados em especial à relação existente entre esses Estados. Existe, porém, a necessidade de se contextualizar a extensão do emprego desses instrumentos que serão graduadas de acordo com os Estados envolvidos (KENT, 1967 p. 54-57).

Quanto ao potencial de guerra que é “a necessária força para fazer a guerra”, Kent o divide em força militar ativa e força militar mobilizável. Em relação ao último refere-se à capacidade de mobilização do país para guerra (KENT, 1967 p. 57-66).

---

<sup>25</sup>Coator- Aquele que constrange pelo uso da força.

<sup>26</sup>Suasório- Persuasivo.

<sup>27</sup>Kent define a situação objetiva como sendo uma determinada situação livre de características subjetivas, com a qual o observador humano tenderá a “enfeitá-la”. Um exemplo simplificado seria ao deparar com um rio de águas negras determinar que a cor de sua água é escura sem inferir que ele é poluído. Ou seja é uma visão da situação sem preconceitos (de conceitos pré-estabelecidos).

A vulnerabilidade específica é o segundo conceito a ser considerado em relação ao elemento especulativo avaliativo. A vulnerabilidade específica é definida por Kent como sendo os “pontos fracos cuja exploração permita obter resultados desproporcionalmente grandes em relação ao dispêndio de esforços” (KENT, 1967 p. 66-68). O conceito de vulnerabilidade específica é similar ao de vulnerabilidades críticas<sup>28</sup> empregado pela Marinha do Brasil.

A obtenção desse contexto acerca das vulnerabilidades específicas e estatura estratégica de um Estado são primordiais para conseguir estabelecer um conhecimento estratégico sobre determinado Estado. Para obtenção desse conhecimento é necessária a existência de pessoal com *expertise* dos assuntos em pauta, grande capacidade mental e experiência para realizar uma análise especulativa avaliativa.

Prosseguindo, Kent estabelece que de posse da estatura estratégica e das vulnerabilidades específicas é possível buscar as prováveis linhas de ação do Estado em observação (KENT, 1967 p. 68-74).

Finalizando, verificamos que as três formas de produção de conhecimentos são encadeadas e interdependentes. São todas baseadas em operações de levantamentos, em que se mantém o objeto em constante observação e em operações de pesquisas que vislumbram o passado desse mesmo objeto.

A descritiva básica será a primeira observação sobre o alvo e compilará uma grande quantidade de conhecimento, sendo seus pontos relevantes atualizados pela narrativa por meio de levantamentos priorizando os fenômenos a serem observados.

Por último, teremos a fase mais complexa que é a especulativo avaliativo que representa os conhecimentos que se fazem necessário obter. Para direcionar essa necessidade de conhecimento se estabelecem dois conceitos que nortearão a busca: a estatura estratégica; e a vulnerabilidade específica. De posse de ambas, pode-se buscar as possíveis linhas de ação do Estado em observação.

<sup>28</sup>Vulnerabilidades Críticas (VC)- deficiências dos requisitos críticos que os tornam suscetíveis à neutralização ou derrota, de forma a contribuir para que o CG (Centro de Gravidade) falhe em manter suas Capacidades Críticas. (BRASIL, **EMA- 305-** Doutrina Básica da Marinha (DBM). 2 Rev. Estado-Maior da Armada, 2014. p. A-22- A-23.)

## 2.2 – Inteligência como organização

Kent nos informa que a inteligência é uma instituição e consiste em “uma organização de pessoal ativo que busca uma categoria especial de conhecimentos”. Mas o principal ponto ressaltado é que a inteligência deve ser completa, precisa e oportuna <sup>29</sup>para que seja relevante aos tomadores de decisões (KENT, 1967 p. 77).

Outro ponto relevante quando se comenta sobre o pessoal empregado para o levantamento e acompanhamento da atividade de inteligência é a necessidade de distinguir o que é importante e ter sensibilidade para perceber as alterações que ocorrem nos fatos em observação. Esse aspecto deve ser considerado para a obtenção de conhecimento a partir de fontes abertas. Para tal o pessoal envolvido há de se tornar especialista no assunto em tela. Devemos ressaltar que a busca de conhecimento passa pela pesquisa de novas fontes e de fontes que contradigam o que foi levantado (KENT, 1967 p. 78).

Os serviços de inteligência devem “recrutar pessoas dotadas e instruídas” (KENT, 1967 p. 78-79). Essas pessoas devem ser mantidas informadas das necessidades de conhecimentos, estar a par dos problemas dominantes da política externa, ser estudiosas e altamente instruídas nas matérias correlacionadas com a política (KENT, 1967 p. 79). Para tal faz-se necessário uma quantidade de “especialistas dedicados agrupados em uma unidade de produção vigorosa” (KENT, 1967 p. 81).

Kent ressalta que as organizações de inteligência devem ser bem parecidas com três outras organizações, a saber: as universidades e suas bibliotecas<sup>30</sup> que devem conter conhecimentos ostensivos e sigilosos; as jornalísticas<sup>31</sup> que devem processar os conhecimentos em um ritmo acelerado e observar fielmente o momento de encerrar um trabalho; e as organizações comerciais engajadas na manufatura de um produto

<sup>29</sup> Estes conceitos guardam similaridade com os princípios da inteligência explicitados na Doutrina de Inteligência da Defesa (DID) MD-52-N-01.

<sup>30</sup> A MB possui bibliotecas em órgãos de inteligência que estão integrados ao Sistema de Bibliotecas da Marinha

<sup>31</sup> Este posicionamento deve ser observado mesmo que isso possa ocasionar e representar um sacrifício em precisão (por mais paradoxal que seja, tendo em vista necessidade de informações precisas no processo de geração de conhecimento).

(conhecimento) a partir de matéria-prima (dados) e de trabalho extremamente qualificado (KENT, 1967 p. 82-83).

Ao prosseguir na descrição da inteligência como organização, Kent nos diz que “as informações<sup>32</sup> da grande estratégia e da segurança nacional não são produzidas espontaneamente em função do processo normal de governo; são elaboradas por meio de um mecanismo e de um intenso esforço dirigido nesse sentido” (KENT, 1967 p. 85).

Para desincumbir-se dessa função seria necessário um órgão central que pudesse realizar as funções de busca, avaliação e difusão (ou seja, levantamento, pesquisa e difusão), porém tal órgão acabaria por duplicar as atividades de inteligência dos órgãos sob seu controle ou supervisão (KENT, 1967 p. 87).

No caso da inteligência estratégica, foco deste trabalho, o órgão terá necessidade de acesso a conhecimentos de segurança nacional, que podem não estar no escopo da busca ou coleta realizada pela organização central (por serem do campo interno) devem ser disponibilizadas pelo órgão responsável de forma a possibilitar a integridade dos conhecimentos a serem produzidas (KENT, 1967 p. 91).

A centralização, com inexistência de órgão subordinados (denominados departamentais) ocasionaria a falta de importante princípio para o sucesso que é a proximidade entre o produtor da informação e o utilizador (KENT, 1967 p. 88). Assim, Kent defende a necessidade de um órgão central que coordenará as ações dos órgãos subordinados por meio de seis linhas de atividades coordenadoras (KENT, 1967 p. 96), quais sejam:

a) estabelecer a jurisdição dos vários órgãos de inteligência departamentais<sup>33</sup>;

b) fiscalizar a jurisdição estabelecida acima atentando ao seguinte:

-preocupar-se com o inevitável extravasamento de uma jurisdição sobre a

outra, principalmente visando combater a duplicidade de esforços desnecessária<sup>34</sup>,

-verificar se os “departamentos” estão explorando todo o campo sob sua

jurisdição,

-ampliar algumas das jurisdições estabelecidas pela adição de um assunto

novo, desde que se torne importante.

<sup>32</sup>Informações no sentido de conhecimentos

<sup>33</sup>Qual a área em que esses órgãos devem atuar e concentrar seus esforços.

<sup>34</sup>Deve-se atentar que abordagens diferenciadas de um estudo não necessariamente são duplicações de esforços.

c) verificar se o produto de inteligência está à altura dos padrões exigidos assim como se a contribuição de todos os organismos departamentais a um projeto interdepartamental é objeto de uma orientação central;

d) diagnosticar e auxiliar algum órgão departamental que esteja em dificuldades para execução de suas tarefas, somando esforços caso necessário;

e) administrar direta ou indiretamente, todos os levantamentos e pesquisas que se destinem a trabalhos interdepartamentais;

f) conhecer a política particular de inteligência de cada departamento subordinado

(KENT, 1967 p. 96 – 98).

Basicamente dentro de uma estrutura do Ministério da Defesa (MD) e Comandos de Força, o órgão central deverá ser exercido pelo MD, a quem caberá coordenar os trabalhos das Forças, e estabelecer canais para troca de conhecimentos com outras agências governamentais visando obter os conhecimentos inerentes à segurança nacional<sup>35</sup>.

Quanto ao pessoal necessário ao desenvolvimento do trabalho de informações

Kent os dividiu em cinco categorias, a saber:

a) pessoal administrativo comum a todas as organizações – são os que cuidam da parte administrativa do órgão de inteligência;

b) pessoal de serviço de secretaria<sup>36</sup> – que nos dias de hoje podemos aplicar ao pessoal especializado para lidar com certas ferramentas computacionais que permitam transformar os dados em informações (gráficos, tabelas, filmes);

c) pessoal de arquivo – que nos dias de hoje podemos incluir tantos os bibliotecônomos<sup>37</sup> quando o pessoal de Tecnologia da Informação (TI) responsável pelo gerenciamento de banco de dados;

d) pessoal de inteligência – são os que efetivamente lidam com o núcleo do trabalho do órgão de inteligência. São os que buscam e coletam os dados e fazem sua análise, produzindo os diversos documentos de inteligência e conhecimentos que serão difundidos;

<sup>35</sup> Este órgão existe no âmbito do MD. Está descrito na Portaria 295/MD/2002.

<sup>36</sup> Atualmente pode-se dizer que esta função é acumulada pelo próprio pessoal de informações com apoio eventual do pessoal de Tecnologia de Informações (TI)

<sup>37</sup> Bibliotecônomo – Profissional especializado em organizar o conhecimento.

e) equipe de controle<sup>38</sup> – são membros selecionados dos grupos acima que tem a tarefa de fazer com que os trabalhos resultantes sejam de interesse do utilizador e estejam dentro da prioridade estabelecida. Além disso, esses trabalhos devem ser completos, equilibrados e remetidos a tempo e na forma adequada para consumo pelo utilizador (KENT, 1967 p. 108-111).

O importante quanto ao pessoal é o comprometimento e conhecimento. Muito é dito, inclusive por Kent, quanto a possuir um corpo especializado de pessoal dedicado à inteligência. Deve-se ter em mente a disponibilidade de recursos frente à prioridade que a função de inteligência tem perante as demais inerentes à organização. Uma das soluções possíveis é a gestão de pessoas por competência<sup>39</sup>. Este assunto não será aprofundado por fugir ao escopo desse trabalho.

Kent aborda a organização de uma unidade departamental por meio de dez questionamentos.

O seu primeiro questionamento é sobre se a divisão de uma organização de inteligência deva ser regional (países ou regiões do globo) ou funcional (áreas de conhecimento como economia, política, militares e outras). Para essa questão Kent aponta para uma divisão do mundo em algumas regiões (quatro ou cinco) e dentro dessas regiões a subdivisão em áreas geográficas menores e essas em subseções até atingir a unidade de países.

<sup>40</sup>Dentro dessas regiões alocar pessoal pelas funcionalidades (KENT, 1967 p. 117-122).

O segundo questionamento é como lidar com assuntos que desafiam a regionalização. Kent cita três categorias que apontam para uma prioridade para a organização funcional em vez da regional que são as leis internacionais e os organismos internacionais

---

<sup>38</sup>Como característica dos componentes desse grupo, Kent estabelece que devem possuir as qualidades de bom senso, discríção, tato, capacidade de se relacionar, capacidade de orientar e conduzir (liderança), conhecimento do comportamento e compreensão do mundo atual.

<sup>39</sup>Gestão de Pessoas por Competências – Metodologia de gestão estratégica que busca garantir que os objetivos organizacionais sejam atingidos por meio do desenvolvimento do pessoal e da racionalização de processos produtivos e gerenciais. Pode também ser definido como um processo de gestão de pessoas e suas competências, associadas às competências necessárias à execução das tarefas inerentes aos diversos cargos e funções existentes em uma organização. A gestão de pessoas por competências é o modelo ora em implementação na Marinha.

(CARBONE, Pedro Paulo, João Batista Diniz Leite, Rosa Maria de Paula Vilhena. **Gestão por competências e gestão do conhecimento**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2009. p 50-51.)

<sup>40</sup> Observa-se uma influência do Realismo da teoria de relações internacionais ao se dividir as áreas de atuação por atores estatais.

(ONU<sup>41</sup> por exemplo), problemas que são também internacionais na natureza, como por exemplo a Igreja Católica, ou organizações regionais como a OEA<sup>42</sup>. Por último o autor cita os problemas internacionais cujas características são multinacionais como por exemplo a geopolítica do petróleo. Para esses assuntos específicos, Kent aponta para existência de equipes funcionais que atuem de forma secundária com uma quantidade mais limitada de recursos humanos, porém especializados e que interajam com as seções regionais de forma a realizar seus trabalhos (KENT, 1967 p. 122-123).

A terceira questão apontada por Kent é como lidar com problemas de natureza multinacional. Para tal a solução é estabelecer uma estrutura *ad hoc*<sup>43</sup> para obter o conhecimento solicitado (KENT, 1967 p. 123-125).

Com isso, surge a quarta questão de Kent que é como pode ser exercido um controle efetivo sem prejudicar o cumprimento da missão. O autor ressalta que controle é o ponto crucial de uma operação. Sendo assim, o controle deverá primeiramente verificar se o planejamento da busca e coleta de dados está correto, rever e criticar o produto final sob ponto de vista de sua forma e verificá-lo quanto a exatidão e equilíbrio, manter os padrões de qualidade em todos os trabalhos, verificar se o produto final foi reproduzido de forma adequada e verificar se foi corretamente distribuído (KENT, 1967 p. 125-128).

As quatro questões apresentadas influenciam uma organização para coleta de dados a partir de fontes abertas, estruturando o pessoal envolvido nessa tarefa.

O quinto problema apresentado por Kent é qual será a organização administrativa para controlar o desempenho de uma equipe de campo? Primeiramente as equipes de campo devem estar subordinadas a um único chefe, de forma a coordenar suas ações. Além disso eles devem ter laços estreitos com a sede do órgão e conhecer as necessidades de forma a melhor obter os dados que possam auxiliar as conclusões na sede (KENT, 1967 p. 129-131).

Como sexta questão, Kent nos pergunta se em uma organização de inteligência existe necessidade da função de bibliotecário. A resposta é afirmativa. Nos tempos atuais a

---

<sup>41</sup>ONU- Organização das Nações Unidas ou UN- United Nations

<sup>42</sup>OEA- Organização dos Estados Americanos.

<sup>43</sup>*Ad Hoc*- expressão latina cuja tradução literal é “para isto” ou “para esta finalidade”.

organização de conhecimento se faz por meio de bancos de dados em redes segregadas das redes administrativas. Persiste a necessidade de pessoal especializado para organização desses conhecimentos, localização, coleta e organização de periódicos (KENT, 1967 p. 131- 133).

O sétimo problema apresentado por Kent refere-se a atribuir a uma repartição administrativa a exclusividade de realizar busca e difusão. Kent apresenta que a busca não deve ser monopólio de um setor, porém somente aquele que está trabalhando em determinado assunto sabe exatamente o que buscar. Além disso, diversos elementos organizacionais realizando uma busca sobre o mesmo assunto podem causar uma duplicidade de questionamentos a serem apresentados às fontes, reduzindo a eficácia delas e podendo comprometê-las (KENT, 1967 p. 134 – 135).

Quanto à difusão, Kent a dividiu em dois tipos: a interna que deve ser feita da forma mais expedita, porém sistematizada; e a externa na qual não devem ser, preferencialmente, difundidos na forma de matéria-prima. Porém, o que for distribuído em forma de matéria-prima externamente à organização deve passar por uma seleção anterior (KENT, 1967 p. 135- 136).

A disseminação de trabalhos elaborados pela organização de inteligência deve ser realizada pela equipe de controle ou por uma seção ligada a essa equipe (KENT, 1967 p. 137).

O oitavo questionamento refere-se à parte bibliográfica do conhecimento. Kent ressalta que uma das funções de um órgão de inteligência é obter o conhecimento sobre personalidades. A análise dos dados deve ser realizada pelo pessoal mais especializado e o produto final deve ser alocado dentro do arquivo único (KENT, 1967 p 138-139).

A melhor solução para o problema de mapas é a nona questão apresentada por Kent. Esta questão é decorrente da separação de uma mapoteca da biblioteca (KENT, 1967 p. 139-141), o que nos dias atuais perde um pouco o contexto, pois podemos unificar todos em um banco de dados. Com o advento da tecnologia podemos dizer que hoje a produção de mapas também pode ser apoiada pelo pessoal de TI com o conhecimento de ferramentas apropriadas. A geração e processamento de mapas estão mais intimamente ligados à inteligência de imagens (*IMINT*).

A décima questão apresentada por Kent refere-se a como manter uma equipe de profissionais frente à lei do funcionalismo civil, questão essa comum aos Estados Unidos da América (EUA) e ao Brasil com as devidas especificidades, porém não será abordado neste trabalho.

Nesta parte verificamos que Kent apresentou as bases organizacionais de uma estrutura de inteligência estratégica e o organograma tanto das agências entre si (subordinação a uma agência central) e sua estruturação interna.

### **2.3- Inteligência como atividade**

Sherman Kent nos diz que a expressão inteligência também é usada como sinônimo da atividade que a organização desempenha<sup>44</sup> (Kent, 1967 p. 147), sendo abordado por Kent o processo para efetuar a produção de conhecimentos.

Porém, antes ele aponta as duas utilizações da inteligência estratégica dividindo-as em uso preventivo ou defensivo, quando alerta com antecedência as intenções de outros Estados e uso positivo e antecipado quando empregado em prol de nossa política externa ativa. Logo após, ele ressalta que o conhecimento é produzido a partir de um processo de pesquisa (KENT, 1967 p. 147).

O autor prossegue nos informando que existem duas maneiras principais de iniciar a pesquisa. A primeira é em atendimento a um requisito estabelecido pelos utilizadores<sup>45</sup>. A outra forma é quando o grupo envolvido em levantamentos é levado pelo seu próprio trabalho a se aprofundar ou pesquisar algo novo (KENT, 1967 p. 148).

Após isso o autor conceitua levantamento como sendo “a observação do que acontece no exterior e a tentativa deliberada de descobrir o sentido desses acontecimentos” (KENT, 1967 p. 148).

Esses levantamentos atendem a duas funções, alertam-nos quanto as intenções de outro Estado em particular àquelas que são contrárias a nossos interesses nacionais e servem para conhecer os assuntos externos de forma a possibilitar a implementação de nossa própria política (KENT, 1967 p. 150).

<sup>44</sup>KENT, Sherman, **Informações Estratégicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.p. 147.

<sup>45</sup>Os utilizadores são os clientes do produto que, caso não seja subsídio para outro produto mais elaborado, serão os decisores. De qualquer forma o cliente final será sempre o decisor, principalmente quando a inteligência atua no nível estratégico.

Antes de entrar na metodologia propriamente dito existe a necessidade de conceituar e diferenciar problema substantivo e problema metodológico. O problema substantivo é o objeto real da inteligência estratégica, aquilo que se quer estudar e conhecer, e o problema metodológico são os meios a empregar para obter os dados básicos do problema substantivo (KENT, 1967 p. 155).

Logo após Kent apresenta os sete estágios de uma metodologia de obtenção do conhecimento sendo o primeiro estágio o aparecimento do problema substantivo, cuja principal preocupação é se está sendo levantado o problema correto, e que pode se dar de três formas:

a) como resultado de reflexões de um funcionário cuja função dentro da organização seja prever problemas. Para ter a certeza de que o previsor elaborou o problema substantivo correto deve-se escolher um servidor que já conheça a área a ser investigada e que tenha mentalidade inquisidora;

b) quando os levantamentos revelam algo fora do comum. Nesse caso a questão é como detectar, frente a uma grande quantidade de dados disponíveis, esse comportamento e classificá-lo como incomum. A solução a essa questão é utilizar um servidor que já conheça a área a ser investigada e que tenha mentalidade inquisidora; e

c) quando ocorre uma solicitação dos utilizadores. Nesse caso o problema reside em que ocorram orientações precisas do que se deseja por parte dos utilizadores (KENT, 1967 p. 155- 157).

O segundo estágio é a análise do problema substantivo. Nessa fase estamos no planejamento de como abordar o problema. Devemos descartar elementos irrelevantes sendo o importante conformar o problema de tal maneira que a solução seja útil e aplicável às tarefas do utilizador. Essa fase prescinde de orientação dos utilizadores (KENT, 1967 p. 157- 159).

O terceiro estágio é a busca de dados, atividade mais característica da inteligência e a de sua metodologia de inteligência que passa por buscar dados dentro da organização (bancos de dados e arquivos) e nas fontes disponíveis à organização. Caso não sejam

suficientes ou se saiba da existência em outras organizações congêneres, solicitá-las os dados disponíveis sobre o assunto. Em caso de necessidade solicitar as equipes de campo que realizem uma busca por mais dados nas suas áreas de jurisdição (KENT, 1967 p. 159-163).

No caso específico da obtenção por fontes abertas a equipe em campo pode ser considerada como pessoal no Estado em questão que acesse material (sites, jornais, mídias) no próprio Estado.

O quarto estágio é a avaliação dos dados. Nessa fase deve-se ser crítico no sentido de comparar os dados novos com o que já é conhecido. Essa comparação pode se dar de duas formas. O método direto em que se verifica se os dados obtidos condizem com o que existe e o método indireto em que os dados obtidos não permitem confrontação com os existentes, porém pode-se inferir se o conhecimento está correto ou não, pelo que se denomina um bom julgamento (KENT, 1967 p. 163).

Os métodos direto e indireto são relacionados à fase de coleta de dados especulativa avaliativa, o método direto é uma validação da fase avaliativa e o método indireto da fase especulativa.

Os dados colhidos devem ser criticados antes de serem formuladas as hipóteses. A hipótese nunca será de uma qualidade superior aos dados que a alimentam. Nessa fase também são avaliadas os dados obtidos quanto à fonte (confiança na mesma) e o dado (precisão e confiança). Assim surge a tabela *alfa* numérica de avaliação<sup>46</sup> que permite escalonar os diversos dados e orientar o trabalho do pessoal de inteligência. O problema metodológico apontado é que essa classificação é feita por um elemento denominado intermediário e todo o peso dado ao conteúdo advém de sua avaliação (KENT, 1967 p. 164-168).

O quinto estágio é o momento da hipótese, que deve ser um misto de quantidade com qualidade. Para que se possam produzir boas hipóteses com qualidade a organização deve possuir uma equipe de profissionais da mais alta competência e acesso a todos dados

<sup>46</sup>Avalia-se a fonte quanto a fidedignidade em um sistema de letras de A a D (em ordem decrescente de fidedignidade) e o conteúdo do dado em números de 1 a 4 (também em ordem decrescente de precisão e fidedignidade). A junção de ambos informará ao utilizador ou pessoal de informações quanto à credibilidade do dado. Tal tabela consta da técnica de avaliação de dados apresentada na Doutrina de Inteligência de Defesa (DID)

relevantes. O acesso a dados relevantes possui dois obstáculos, o primeiro é o sigilo que restringe o acesso. Quanto maior o grau de classificação menor o acesso, fator restritivo para formular uma hipótese mais qualitativa. O outro é o “ciúme”<sup>47</sup> que possa vir a existir entre organizações ou dentro de uma mesma organização (KENT, 1967 p. 168-169).

O sexto estágio é uma busca de dados visando respaldar ou derrubar as hipóteses levantadas com as mesmas características dos segundo e terceiro estágios (KENT, 1967 p. 169).

O sétimo ou último estágio é a apresentação. De forma concisa e clara é apresentada a hipótese estabelecida como uma nova e melhor apresentação da verdade. Isso se reveste de importância para o utilizador fazer o melhor uso do conhecimento. Ressalta-se que a concisão excessiva pode impedir que certos conhecimentos sejam disseminados. Excesso de concisão também pode ser um desestímulo à equipe que preparou o conhecimento, pois pode sentir que todo esforço dispendido foi em vão (KENT, 1967 p. 169-172).

Sequencialmente Kent discute a relação entre os produtores e utilizadores da inteligência.

As relações adequadas entre os produtores e utilizadores de informações são sumamente delicadas. As informações devem estar suficientemente próximas da política, planejamento e operações para obter o máximo de orientação, mas não tão próximas a ponto de perderem sua objetividade e integridade de julgamento<sup>48</sup> (KENT, 1967 p. 173).

A primeira dessas questões refere-se ao problema de orientação definido como a necessidade de que os conhecimentos sejam completos, precisos, oportunos e relacionados com o problema substantivo. A inteligência não busca o conhecimento somente pelo conhecimento, a inteligência deve ter um emprego prático. Sendo assim é imprescindível que o pessoal de inteligência seja orientado pelos utilizadores. Tanto os produtores quanto os utilizadores devem ter em mente que a inteligência é um apoio e subordinada ao planejamento e execução das operações (KENT, 1967 p. 173-181).

---

<sup>47</sup>Kent não detalha as causas dos ciúmes, porém relata que qualquer que seja a causa seu efeito é privar de dados ou conhecimentos que possam auxiliar a formulação de boas hipóteses.

<sup>48</sup>KENT, Sherman, **Informações Estratégicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967,p. 173.

Nessa questão é chamada atenção quanto ao sigilo por ambas às partes<sup>49</sup>, podendo dificultar o fluxo de dados, prejudicando a orientação para produção do conhecimento e no sentido inverso, ao buscar proteger uma fonte, pode não convencer quanto à credibilidade do conhecimento obtido. Deve-se ter especial cuidado para não isolar um dado de tal forma que ele perca a utilidade (KENT, 1967 p. 181- 186).

O próximo ponto refere-se à objetividade e integridade e é abordado como o perigo de aproximar muito os produtores dos utilizadores. A vantagem é que a orientação será maximizada, porém existe o risco de que os produtores sejam empregados para outras tarefas em detrimento de suas voltadas à produção de conhecimento. A dispersão da equipe de informações pelas diversas seções fará com que se perca sua eficiência de produzir conhecimentos com quebra de padrões de qualidade. Existe a possibilidade dos produtores, em face da proximidade, serem “contaminados” pelas tendências desejadas pelos utilizadores e perdendo a isenção necessária. Assim, as vantagens obtidas em orientação serão perdidas pelas desvantagens da perda de objetividade e integridade. Sendo assim, se recomenda manter certa separação funcional entre produtores e utilizadores (KENT, 1967 p. 187-191).

O problema da inteligência e a formulação da política é que a inteligência não deve ser moldada para justificar determinada política<sup>50</sup>, porém deve ser considerada na formulação de políticas<sup>51</sup>. A tarefa da inteligência pode ser descrita em dois estágios como sendo o exaustivo exame de uma situação que requer a adoção de uma política e a exploração objetiva e imparcial de todas as soluções que o problema de política oferece (KENT, 1967 p. 191-192).

Por último se trata do problema da inteligência e sua aceitação. O receio apresentado pelo autor é a rejeição do conhecimento pelo utilizador baseado em suas intuições. O pessoal

---

<sup>49</sup>Tanto por parte dos utilizadores quanto por parte do pessoal de inteligência.

<sup>50</sup>No caso em questão, o autor deu a entender que não se deve manipular as informações para justificar uma determinada política.

<sup>51</sup> Essa característica é denominada de assessorial na Doutrina de Inteligência de Defesa.

(BRASIL, MD-52-01 Doutrina de Inteligência de Defesa, 2005. Disponível em: < [http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52\\_n\\_01.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52_n_01.pdf)> Acesso em 18 nov 2015).

de inteligência trabalha para que seu produto seja empregado pelos formuladores de políticas, porém se os mesmos rejeitarem os produtos a partir de intuições baseadas em seus desejos os produtores podem começar a gerar material conforme o que “se deseja”. Para evitar isso que sempre se deve usar o raciocínio e o método científico (KENT, 1967 p. 192-195).

Todas as situações apresentadas são plausíveis de ocorrer com o pessoal de inteligência realizando a coleta a partir de fontes abertas tornando as recomendações de Kent válidas nos dias atuais.

#### **2.4- As era da inteligência.**

Esta seção tem como propósito mostrar como historicamente a teoria de Sherman Kent aplicada à Inteligência, como conhecimento, organização e atividade evolui para o surgimento da *OSINT* nos EUA no período de 1941 a 1997.

J.F.Holden-Rhodes divide o exercício da atividade de inteligência nos EUA<sup>52</sup>, em três “eras”<sup>53</sup>.

A primeira é descrita como sendo de 1941 a 1946 quando ao término da segunda grande guerra iniciava-se a ameaça do comunismo. Experiências advindas da guerra moldariam o futuro. Existia a certeza de que seria necessária uma inteligência de primeira categoria para apoiar os objetivos nacionais (HOLDEN-RHODES, 1997 p. 9).

O autor cita um teórico contemporâneo a Kent chamado George Sawyer Peete<sup>54</sup> que estudou as falhas e erros durante a guerra, abordando quatro pontos, a saber:

a) as deficiências iniciais do trabalho de inteligência deviam-se as “dores do crescimento”. Em cinco anos a Inteligência dos EUA saiu de um nível insignificante para uma

<sup>52</sup>Fala-se dentro da lógica dos EUA pois o arcabouço teórico básico utilizado é de origem daquele país.

<sup>53</sup>Época em que escreveu seu livro (1997) “*Sharing the Secrets*”, em que descreve o emprego da inteligência a partir de fontes abertas (*OSINT*). HOLDEN- RHODES, J.F; *Sharing the secrets: open source intelligence and the war on drugs*.1. ed. Londres: Praeger Publishers, 1997.235p.

<sup>54</sup>Autor de “*The Future of American Secret Intelligence* “ referenciado no texto.

amplitude mundial. A comunidade de inteligência aprendeu seu ofício no desenrolar da guerra. Ao fim desta a estrutura de inteligência deveria ser formalizada e reorientada;

b) o esforço de inteligência foi administrado por oficiais inexperientes. Devido à inexistência de uma comunidade de inteligência antes da guerra, inexistia experiência em inteligência de Estado, o que é explicado por G.S. Peete como a razão pela qual a Inteligência foi dirigida por oficiais que aprendiam por um método de tentativa e erro<sup>55</sup>;

c) inexistia uma metodologia para produção de conhecimento consequentemente a inteligência somente era gerada se fossem feitas as perguntas corretas e depois prosseguisse com uma série de operações específicas, nesse caso é que o produto de inteligência seria de alta qualidade; e

d) a inteligência deve estar posicionada na estrutura governamental de forma a subsidiar a condução das políticas de governo, interagindo com os decisores (HOLDEN-RHODES. 1997 p. 9- 10).

Essa primeira era permitiu o lançamento das bases da inteligência. Nela se discutiu a centralização ou descentralização da inteligência cujo principal argumento é a existência de uma agência centralizadora<sup>56</sup> que não somente obtivesse e repassasse os dados das agências subordinadas, mas efetivamente compilasse, analisasse e distribuísse as conclusões e recomendações já devidamente unificadas (HOLDEN-RHODES, 1997 p. 11).

Foi nesse ambiente que Kent elaborou sua obra. Convém ressaltar que naquela época as fontes abertas eram basicamente restritas a obras escritas em papel e eventuais programas de radiodifusão.

---

<sup>55</sup>O argumento apresentado por Peete não é universalmente aceito, porém a ideia força a ser aproveitada neste trabalho é a de que a inteligência dos EUA progrediu de uma estrutura simples para uma de alcance mundial por ocasião da experiência da segunda guerra mundial.

<sup>56</sup> Holden Rhodes faz referência a Sherman Kent nessa discussão.

A segunda era da inteligência se estende de 1947 a 1989. Ela foi marcada pelo “1947 National Security Act”, instituído em resposta direta à ameaça advinda da chamada Guerra Fria. Durante o período, separado das ameaças oriundas da Guerra Fria, a inteligência dos EUA respondeu a três grandes questões de segurança nacional que são: quando e em quais circunstâncias as forças militares americanas seriam empregadas em conflitos no Terceiro Mundo<sup>57</sup>; qual seria o grau e duração do comprometimento dos EUA nesses conflitos; e como os EUA deveriam responder aos desafios das denominadas “áreas cinzentas” que não possuem uma clara quantificação da ameaça aos interesses vitais dos EUA (HOLDEN-RHODES, 1997 p. 12).

Esse último tópico se tornou um dos que viria a causar maior consternação no período, porém os dois primeiros terminaram por dominar os serviços de inteligência.

A terceira era da inteligência iniciou em 1989 e traz a questão quanto à estrutura e desenho do serviço de inteligência dos EUA. Essa questão passa pela redefinição dos interesses nacionais. O final da guerra fria questionou a eficiência da inteligência estratégica.

A crítica direcionada à comunidade de inteligência <sup>58</sup>aconteceu em quatro pontos. O primeiro foi a não previsão do colapso da União Soviética. Seguido a essa falha, a não previsão da invasão do Kuwait pelo Iraque. O terceiro questionamento foi a falha em reconhecer e prever perigos nas “áreas cinzentas”, locais onde os EUA possuíam interesses nacionais. A última crítica se deu na demora em reconhecer a importância, aceitar e aplicar a inteligência de “fontes abertas”.

---

<sup>57</sup>Terceiro Mundo - A expressão “Terceiro Mundo” surgiu na época da guerra fria, denominando os países que não estavam nem do lado dos EUA nem do lado da URSS, os chamados “não alinhados”. Atualmente o termo “terceiro mundo” não serve mais para o mesmo propósito de designar os não alinhados, mas é substituído por um outro termo que ainda é fruto de uma polarização mundial, a econômica. Os países do terceiro mundo são chamados hoje de países em desenvolvimento. (TERCEIRO MUNDO, In: InfoEscola. Disponível em: <[www.infoescola.com/geografia/terceiro-mundo/](http://www.infoescola.com/geografia/terceiro-mundo/)>. Acesso em : 07 jul.2015.)

<sup>58</sup> A crítica é compilada por Holden sem mencionar fonte específica.

Por ocasião da guerra do golfo é que foi verificado como certas agências de inteligência baseavam-se em fontes classificadas ou clandestinas, “na maior parte das vezes as agências ignoravam aquela informação que poderia ter sido obtida por uma criteriosa fonte-aberta” (HOLDEN-RHODES, 1997 p. 13-15).

Em 1991 em uma edição do “*American Intelligence Journal*”, David Steele chama a atenção para o GAP – *Gray Area Phenomena* (Fenômeno da Área Cinzenta) e ressalta que:

[...] existe a necessidade de mudança de prioridades devido ao fato das comunidades de inteligência e relações internacionais estarem a duas gerações defasadas do perfeito entendimento do terceiro mundo e as dimensões das mudanças ocorridas além dos ambientes político, militar e da economia transnacional.<sup>59</sup>

Ele define o GAP como “[...]ameaças a estabilidade de Estados por atores, processos e organizações não governamentais, estas áreas cinzentas aparentam serem contundentemente novas e desconfortavelmente antigas.<sup>60</sup>”

Esses fenômenos são definidos como: conflitos étnicos- religiosos e nacionalistas; proliferação de armas (convencionais, biológicas, químicas e nucleares); conflitos causados por recursos escassos; doenças infecciosas como a AIDS; globalização do crime organizado; tráfico de drogas; guerras econômicas e os conflitos sobre tecnologia; movimentos migratórios humanos; e fome (HOLDEN-RHODES, 1997 p. 16).

Para o acompanhamento dessas ameaças Holden - Rhodes apresenta como processo de obtenção de conhecimento a *OSINT*, que fornecerá os conhecimentos necessários para produtos de inteligência (HOLDEN-RHODES, 1997 p 16).

<sup>59</sup>Tradução nossa de “[...] the need of changed priorities because our intelligence and foreign affairs communities are at least two generations away from fully understanding the Third World and dimensions of change outside the political-military and transnational economical environment. (HOLDEN- RHODES, J.F; ***Sharing the secrets: open Source Intelligence and the war on drugs***.1. ed. Londres: *Praeger Publishers*, 199,p. 15.)

<sup>60</sup>Tradução nossa de “[...] threats to the stability of nations-states by nonstate actors and non governmental processes and organizations, the gray areas appear to be strikingly new and uncomfortably old” (HOLDEN- RHODES, J.F; ***Sharing the secrets: open Source Intelligence and the war on drugs***.1. ed. Londres: *Praeger Publishers*, 1997.p. 15)

## 2.5 – Considerações parciais.

Kent na sua obra, escrita após o final da Segunda Guerra Mundial (1948), organiza um serviço de inteligência baseado em sua experiência adquirida naquele conflito, em que o principal objetivo eram os Estados organizados, o que prosseguiria nos anos vindouros com o advento da Guerra Fria<sup>61</sup>. O autor encontrava-se mergulhado em um mundo onde a teoria dominante das Relações Internacionais era o Realismo<sup>62</sup> e o relacionamento era entre Estados constituídos.

O autor trata a inteligência, traduzida como informações para a edição brasileira, sobre três aspectos, como um produto e conhecimento, como uma organização ou estrutura e como uma atividade ou processo.

Na parte atinente ao produto ou conhecimento, Kent relata as três etapas de produção desse conhecimento. Essas etapas são encadeadas e iniciadas com a descritiva básica, que alicerça as demais, definida como a busca e coleta de todos os dados que possam ser úteis referentes a um determinado objeto, seguida da narrativa que é a atualização deles com dados correntes e a especulativo avaliativo que é a necessidade de conhecimentos que devem ser obtidas para poder prever o que ocorrerá.

A etapa mais complexa é a especulativa avaliativa que analisa a estatura estratégica do Estado em observação e suas vulnerabilidades específicas.

---

<sup>61</sup>A definição para a expressão Guerra Fria é de um conflito que aconteceu apenas no campo ideológico, não ocorrendo um embate militar declarado e direto entre os Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ambos armados com enormes quantidades de armamentos nucleares. Um conflito armado direto significaria o fim dos dois países e, provavelmente, da vida no planeta Terra. Porém ambos acabaram alimentando conflitos em outros países como, por exemplo, na Coreia e no Vietnã.

(Guerra Fria, sua pesquisa.com Disponível em: <[www.suapesquisa.com/guerrafria/](http://www.suapesquisa.com/guerrafria/)> Acesso em :08 ago 2015.)

<sup>62</sup>Um artigo onde discute-se a evolução das teorias de Relações Internacionais é o escrito pelo professor Williams Gonçalves onde discorre sobre a evolução das teorias de Relações Internacionais. No caso em questão logo após a segunda Guerra Mundial a teoria dominante era o Realismo que estabelece o Estado como principal ator das Relações Internacionais.

(GONÇALVES, Williams; Relações Internacionais. Disponível em : <[www.cedep.ifch.ufrgs.br/textos\\_Elet/WilliamsRR.II.pdf](http://www.cedep.ifch.ufrgs.br/textos_Elet/WilliamsRR.II.pdf)> Acesso em: 27 mar. 2015)

No que tange à inteligência como organização ou estrutura Kent estabelece as funções do pessoal de uma agência de inteligência, ressaltando-se o pessoal de inteligência e as equipes de controle que são o núcleo e essencialmente voltadas para a atividade-fim da agência. Além disso, Kent propõe uma organização funcional priorizando a organização por áreas geográficas e dentro dessas por assuntos<sup>63</sup>.

Também nesse tópico o autor discerne sobre a existência de uma agência central que permita coordenar os trabalhos das diversas agências e permitir um melhor compartilhamento de informações.<sup>64</sup>

Por último o autor apresenta a inteligência como uma atividade legando uma proposta de metodologia para a partir da apresentação de um problema substantivo (questão) poder se chegar a um produto de inteligência utilizando e trabalhando o conhecimento obtido no primeiro estágio até um produto final. Nessa metodologia ele apresenta sete passos, sendo o quinto a apresentação da hipótese, quando será apresentada uma nova verdade sobre aquele problema substantivo.

Nesse mesmo tópico Kent apresenta as relações entre os produtores e os utilizadores, das quais se ressalta a necessidade de orientação pelos utilizadores do que se necessita, porém deve-se evitar ao máximo aproximar os produtores dos utilizadores em demasia a ponto de ficarem em seções idênticas de trabalho o que poderia acarretar em desvio da função dos produtores. Também é importante a aceitabilidade do produto de inteligência, que deve ser sempre construído a partir de um método científico.

Após a explanação acima o capítulo trata rapidamente das “eras” da inteligência nos EUA, de forma a estabelecer um link entre a época de Kent e a teoria a ser apresentada no capítulo seguinte sobre a inteligência por fontes abertas. Chama a atenção a alteração nos anos

---

<sup>63</sup> Observa-se a influência do realismo nessa organização por áreas.

<sup>64</sup> Deve-se ressaltar que Sherman Kent trabalhou como analista do escritório de serviços estratégicos da Central de Inteligência Americana (CIA)

80 quando do colapso da URSS que começa a levantar questionamentos sobre a atuação da inteligência e ressalta a importância das fontes abertas, além da maior importância dada a atores não estatais no cenário mundial.

### **3- AS FONTES ABERTAS NA INTELIGÊNCIA- *OSINT***

Neste capítulo discutiremos a inteligência por meio de fontes abertas conhecida pela sua denominação de *OSINT*.

A inteligência por fontes abertas sempre esteve presente, seja por meio da coleta de dados a partir de livros ou periódicos e mais recentemente pelo acompanhamento de programas de radiodifusão. Com o advento da internet, a disponibilidade de informações por fontes abertas cresceu de forma exponencial ocasionando no surgimento de um excesso de dados, assim como de informações falsas ou de baixa confiabilidade.

Iniciaremos o capítulo definindo *OSINT* e tratando um pouco sobre a inteligência em operações de paz, que primordialmente é baseada em fontes abertas, já que as diversas

nações componentes de uma missão não se dispõem a compartilhar sua inteligência sobre o ambiente. Essa abordagem visa qualificar a importância dela, e será apresentada como um recurso de inteligência legítimo a ser empregado nesse tipo de operação.

Após isso serão apresentadas algumas condicionantes levantadas por Steele no início deste século atinentes à inteligência, já com foco sobre a *OSINT* e dois dos grandes problemas hoje enfrentados pelos que lidam com inteligência, o excesso de sigilo e de dados.

Logo após será discorrido sobre a metodologia apresentada por Steele. Iniciando pelos pressupostos inerentes ao processo e finalizado com o arcabouço teórico apresentado por Steele para produção de conhecimento a partir das fontes abertas. Serão feitas no decorrer da explanação algumas comparações com a metodologia apresentada por Kent e discutidas no capítulo 2.

### **3.1- Definições iniciais e importância da *OSINT*.**

Segundo Robert David Steele a *OSINT* não é substituto para satélites, espões e as capacidades orgânicas de inteligência dos militares e civis<sup>65</sup>, mas o complemento dessas fontes de inteligência.

A *OSINT* é distinta da pesquisa acadêmica, comercial ou jornalística, pois representa a aplicação de um processo de obtenção de conhecimento sobre uma variedade de fontes com intenção de produzir inteligência no formato necessário ao utilizador (STEELE, 2002 p. 166).

#### **3.1.1- Definições iniciais.**

Steele define *OSINT* como a informação que foi deliberadamente descoberta, discriminada, destilada<sup>66</sup> e disseminada<sup>67</sup> para uma audiência selecionada, em atendimento a questões específicas a partir de fontes não classificadas<sup>68</sup>. Em outras palavras, é a aplicação de

<sup>65</sup>STEELE, Robert David; *The New Craft Of Intelligence. Personal, Public, & Political*.1. Ed. Oakton: OSS International Press. 2002. p. 166.

<sup>66</sup>O termo destilação refere-se à extração, foi mantido como destilação para ser fiel a simbologia 4 D do autor conforme a nota de rodapé abaixo.

<sup>67</sup>É apresentado como o 4 D da sistemática da *OSINT*: Descoberta, Discriminação, Destilação e Disseminação.

<sup>68</sup> STEELE, Robert David; *The New Craft Of Intelligence. Personal, Public, & Political*.1. Ed. Oakton: OSS International Press. 2002. p. 164.

um processo de obtenção de inteligência em uma diversidade de fontes abertas de informação que criará conhecimento desejado (STEELE, 2002 p. 168). O autor também nos chama a atenção de que a *OSINT* se baseia em conhecimentos obtidos de forma ética e legal.<sup>69</sup>

Steele também nos apresenta a definição de *OSINT* validada que é aquela que só pode ser produzida por um profissional que tenha acesso a conhecimento classificado sobre o assunto, ou seja, aquela que foi confirmada ou não foi refutada por conhecimentos classificados<sup>70</sup>.

A doutrina de “*Open Source Intelligence*”<sup>71</sup> do exército dos EUA relatada em artigo de Michel C. Taylor, nos traz duas importantes definições:

a) fontes abertas – Qualquer pessoa, grupo ou fonte que provê informações<sup>72</sup> sem expectativa de que os mesmos sejam protegidos quanto à disseminação pública; e  
 b) informação de domínio público – Dados, conhecimentos, inteligência, instruções ou outros materiais publicados ou disseminados para o público em geral, legalmente visto ou ouvido por qualquer observador ou disponibilizado em palestras ou audiências abertas ao público em geral. No caso de palestras ou reuniões deve-se ter atenção quanto à aplicabilidade da regra de *Chatham House*.<sup>73</sup> A referida regra é disseminada ao início dos trabalhos e viabiliza a disseminação de informações sem identificação da fonte.

Steele também apresenta seu conceito de quatro D’s (4D’s) que são as fases do processo de obtenção de inteligência<sup>74</sup>, baseadas no ciclo de inteligência<sup>75</sup>, quais sejam<sup>76</sup>:

<sup>69</sup>STEELE, Robert David; *On Intelligence: Spies and secrecy in a Open World*.1.ed. Oakton: OSS International Press. 2001.p. 107

<sup>70</sup>STEELE, Robert David; *The New Craft Of Intelligence. Personal, Public, & Political*.1. Ed. Oakton: OSS International Press. 2002. p. 169.

<sup>71</sup>MILITARY INTELLIGENCE, Fort Huachuca (Az): October-December 2005: Disponível em <[https://fas.org/irp/agency/army/mipb/2005\\_04.pdf](https://fas.org/irp/agency/army/mipb/2005_04.pdf)> Acesso em : 29Mar 2015

<sup>72</sup>Informações na definição apresentada podem ser dados, conhecimentos ou mesmo inteligência, dependendo do conteúdo do que está sendo disseminado.

<sup>73</sup>*Chatham House Rule*- Quando uma reunião ou parte dela é conduzida sob as “*Chatham House Rule*”, os participantes tem a liberdade de utilizar a informação recebida, porém nem a identidade nem associação do palestrante, assim como dos participantes deve ser revelada. (Chatham House Rule. Disponível em: <[www.chathamhouse.org/about/chatham-house-rule](http://www.chathamhouse.org/about/chatham-house-rule)> Acesso em 24 jul 2015.)

<sup>74</sup>Essas fases são semelhantes com as fases apresentadas na Doutrina de Inteligência de Defesa, a saber: orientação; produção; e utilização. (BRASIL, **MD-52-01 Doutrina de Inteligência de Defesa**, 2005. Disponível em: < [http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52\\_n\\_01.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52_n_01.pdf)> Acesso em 18 nov 2015.)

<sup>75</sup>Para uma melhor ligação com a Doutrina de Inteligência de Defesa o ciclo será relacionado ao método de produção de conhecimento (metodologia) que é descrito neste manual.

<sup>76</sup>O conceito de 4D foi extraído das seguintes fontes:

a) descoberta – Encontrar a informação e as fontes, de forma a possibilitar ter o suficiente no tempo certo – “*knowing who knows*” – conhecer quem conhece e “*knowing where to look*”- saber onde procurar;

b) discriminação – Separar entre informação útil e não útil, por meio de validação, atualidade e relevância da fonte. Busca de uma fonte com melhor custo-benefício – “*know what’s what*” – conhecer o que é o que;

c) destilação – O sentido é de extrair o que é relevante. É a fase de maior agregação de valor do processo. Nessa fase será adicionada à informação descoberta e discriminada (as duas fases anteriores) conhecimento e expertise de forma a transformá-la em inteligência suficiente e focada na necessidade do utilizador. – “*know what’s hot*” - saber o que é importante; e

d) disseminação – A disseminação é a fase que leva em consideração o melhor formato para a entrega do produto de inteligência, que atenda às necessidades do utilizador – “*know who’s who*” – conhecer quem é quem (qual o melhor formato ao utilizador).

### **3.1.2- Importância da OSINT.**

Um dos pontos de inserção da inteligência por fontes abertas dentro da ONU que foram os desdobramentos do relatório Brahimi<sup>77</sup>, que visava remediar “problemas sérios de orientação estratégica, tomada de decisões, rápido desdobramento de tropas, planejamento e apoio operacional e uso de moderna tecnologia de informações (TI)” (PLATJE, 2001 p. 381) no universo das Operações de Manutenção da Paz<sup>78</sup>. Fruto desse relatório iniciou-se a discussão sobre o que vem a ser a Inteligência para a Manutenção da Paz – *Peacekeeping Intelligence* (PKI).

---

STEELE, Robert David; *On Intelligence: Spies and secrecy in a Open World*.1.ed. Oakton: OSS International Press. 2001.p. 109 e 174-175

STEELE, Robert David; *The New Craft Of Intelligence. Personal, Public, & Political*.1. Ed. Oakton: OSS International Press. 2002. p. 180.

<sup>77</sup>Relatório Brahimi – O Sr. Lakhdar Brahimi da Argélia recebeu do Secretário-Geral da ONU a incumbência de liderar um painel das Operações de Paz das Nações Unidas com a missão de assessorar realisticamente mudanças visando modificar a condução das missões de paz, tornando-as mais eficazes. O relatório foi submetido a apreciação no dia 17 de agosto de 2000.

(PLATJE, Wies, Ben de Jong, Robert David Steele; *Peacekeeping Intelligence: Emerging Concepts for the Future*.1.ed. Oakton: OSS International Press. 2001. p 381.)

<sup>78</sup> Operação de Manutenção da Paz - *Peacekeeping Operations* – Operações de Paz coordenadas pelo DPKO- *Department of Peacekeeping Operations*.

Logo abaixo é apresentada uma definição de Hugh Smith para diferenciar a PKI da Inteligência Estratégica Nacional.

A concepção de Inteligência da ONU tende a transformar princípios tradicionais de inteligência. A inteligência deverá ser baseada em informações que são coletadas primariamente por meios não clandestinos, isto é, por meios que não ameacem o Estado ou grupo em foco e não comprometam a integridade ou imparcialidade da ONU. Deverá ser uma inteligência que por definição será compartilhada dentre uma quantidade de nações e que na maioria dos casos será amplamente conhecida em curto ou médio espaço de tempo. E deverá ser uma inteligência que apoie os propósitos da comunidade internacional<sup>79</sup>( PLATJE, 2001 p. 390).

Nesse contexto a *OSINT* emerge como uma fonte adequada para a PKI. É importante ressaltar que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprega a *OSINT* para suas operações combinadas<sup>80</sup> (PLATJE, 2001 p. 392). A abordagem é tanto em relação ao seu custo, mas também quanto à ética e legalidade da aquisição de fontes abertas.

No caso da PKI, Steele nos informa que no nível estratégico existem três objetivos. O primeiro é discernir alarmes antecipados sobre conflitos catastróficos potenciais que podem demandar uma missão de paz. O segundo é informar a liderança da ONU sobre o dia-a-dia, assim como em condições especiais. Por fim preparar o Representante Especial do Secretário-Geral da ONU (SRSG)<sup>81</sup> e o Comandante Militar da Força da ONU (FC)<sup>82</sup> e seu estado-maior para o desdobramento em uma missão de paz (PLATJE, 2001 p.393-394).

Como regra, os dados necessários à tomada de decisões estratégicas podem ser obtidos a partir de fontes abertas. As fontes abertas têm fornecido aproximadamente 80% dos dados inerentes a genocídio, terrorismo e proliferação de armas (PLATJE, 2001 p. 398).

Steele prossegue argumentando que nesse nível, com uma capacidade de coleta baseada em fontes abertas, a ONU ficaria independente de inteligência fornecida pelos países

<sup>79</sup>Tradução nossa de: "The concept of "UN Intelligence" promises to turn traditional principles of intelligence on their heads. Intelligence will have to be based on information that is collected primarily by overt means, that is, by methods that do not threaten the target state or group and do not compromise the integrity or impartiality of the UN. It will have to be intelligence that is by definition shared among a number of nations and that in most cases will become widely know in the short and medium term. And it will have to be intelligence that is direct towards the purposes of the international community." (PLATJE, Wies, Ben de Jong, Robert David Steele; *Peacekeeping Intelligence: Emerging Concepts for the Future*.1.ed. Oakton: OSS International Press. 2001. p. 390)

<sup>80</sup>Operação Combinada- Operação empreendida, por parcelas significativas de meios ou tropas militares das FA de mais de um país.

(BRASIL, **EMA- 305- Doutrina Básica da Marinha (DBM)**. 2 Rev. Estado-Maior da Armada, 2014. p. A-17.)

<sup>81</sup>SRSG- *Special Representative of the Secretary-General*- Representante Especial do Secretário-Geral da ONU.

<sup>82</sup>FC- *Force Commander* – Comandante Militar da Força da ONU empregado em uma missão de paz.

membros e também da indecisão advinda da falta de conhecimento para se tomar decisões importantes sobre assuntos complexos (PLATJE, 2001 p. 398).

Um fator de importância é a necessidade de pessoal com conhecimento das línguas faladas no Estado objeto de observação, fato negligenciado por diversas nações, porém de suma importância para a coleta de dados (PLATJE, 2001 p. 399). Não é incomum que notícias veiculadas em órgãos de imprensa ou mesmo sites da internet em inglês não sejam totalmente fidedignas ao que é publicado na língua do Estado de origem<sup>83</sup>.

Uma das vantagens dos dados obtidos a partir das fontes abertas é a possibilidade de serem compartilhados com todas as nações envolvidas em uma determinada missão assim como com as organizações não governamentais que estiverem envolvidas <sup>84</sup>(PLATJE, 2001 p. 401).

Relevante também considerar que dois grandes grupos que vendem seus produtos de análise de informações disseminam basear-se em inteligência a partir de fontes abertas. Tanto o *Strategical Forescast (Stratfor)*<sup>85</sup> quanto o *IHS Janes*<sup>86</sup> montam seu portfólio de produtos e análises disseminando ser a partir de fontes abertas<sup>87</sup>.

É importante ressaltar a afirmativa de Steele que a guerra e a paz serão decididas no terreno da informação e as quatro características da batalha pelo conhecimento são as

---

<sup>83</sup>A importância de possuir pessoal com conhecimento de línguas é primordial. E não somente na OSINT. Como exemplo podemos citar que dentro da inteligência de sinais (*SIGINT- Signal Intelligence*), temos inteligência de comunicações (*COMINT- Communications Intelligence*) que, dentre outros, efetua a análise do conteúdo das mensagens que são interceptadas de forma a obter inteligência. Ocorrem situações em que mensagens são interceptadas e não se consegue nem distinguir a língua ou dialeto em uso. Um exemplo clássico do cinema é o filme *Código de Guerra* que retrata o emprego de índios Navajos, durante a II Guerra Mundial, pelos EUA em sua campanha no Pacífico, como rádio operadores de forma a impedir o entendimento por parte dos japoneses das comunicações interceptadas.

<sup>84</sup> Neste ponto existe um conflito com a Doutrina de Inteligência Operacional para Operações Combinadas, onde as medidas de segurança são decididas na fase de planejamento e são tomadas em função das ações decorrentes e não tem relação unicamente com a forma com que a informação foi obtida.

(BRASIL, **MD32-M-01-Doutrina Inteligência Operacional para Operações Combinadas**. 1 ed. Ministério da Defesa Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2006. p. 32)

<sup>85</sup>*Stratfor- Strategical Forecast* – Site com sede nos EUA que vende seus produtos construídos a partir de fontes abertas por meio de assinatura em seu site.

<sup>86</sup>*IHS Janes* – É uma subsidiária do grupo IHS – *Information Handling Services* (cuja base se encontra nos EUA) que trata da parte militar dos produtos, baseando suas informações a partir de fontes abertas. Seus produtos podem ser obtidos a partir de publicações periódicas (revistas), livros e o acesso a informações via site na internet.

<sup>87</sup> Apesar da inteligência produzida por esses grupos ser considerada como fonte aberta, não há como assegurar que todas as suas fontes são abertas.

seguintes: 90 a 95% da informação não é secreta nem poderá ser mantida secreta; ela vem sendo travada no setor privado, pois nele, e não no governo, é que se tem materializado o centro de gravidade<sup>88</sup>; o sucesso será daqueles que empregaram a inteligência de forma oportuna, no tempo certo, e não daqueles que tentarem centralizar e controlar todo conhecimento; e ela será decidida por aqueles que possuam o domínio de línguas, entendimento de culturas diversas, habilidade de identificar, adquirir e explorar informações impressas, localizar e entrevistar pessoas em tempo real (STEELE, 2001 p. 336-337).

Esse ponto apresentado por Steele serve perfeitamente para demonstrar a importância das fontes abertas e o item atinente à inteligência no tempo certo serve para conectar a *OSINT* ao ciclo OODA, em que a inteligência no tempo certo permitirá ao decisor receber o que foi observado, orientar, decidir e agir. É um ponto de contato da inteligência com o ciclo de decisão, sendo que quanto mais rápido esse ciclo girar, sendo conseqüentemente alimentado pela inteligência, melhor será o desempenho do decisor.<sup>89</sup>

Joseph Nye<sup>90</sup> expressou publicamente que o problema da inteligência compara-se a um quebra-cabeça, no qual as partes externas são obtidas a partir de fontes abertas ou informações de domínio público e as partes internas por meios clandestinos ou técnicos. O quebra-cabeça não estará completo sem as partes externas (STEELE, 2001 p. 337).

Podemos verificar que no caso de operações combinadas a *OSINT* seria a forma mais aceitável de obtenção e emprego da inteligência. As fontes abertas são cada vez mais empregadas como fonte para inteligência a ser comercializada por empresas especializadas.

---

<sup>88</sup>Centro de Gravidade- característica, capacidade ou localidade de onde uma nação, coalizão ou força militar extrai sua liberdade de ação, força física ou sua vontade de lutar. São fontes de força e poder que, uma vez conquistados ou atingidos, poderão resultar no desmoronamento da estrutura poder. Existem em todos níveis de condução da guerra. (BRASIL, **EMA- 305- Doutrina Básica da Marinha (DBM)**. 2 Rev. Estado-Maior da Armada, 2014. p. A-5.)

<sup>89</sup> Convém ressaltar que este contato não será exclusivo do processo de obtenção de conhecimento a partir de fonte aberta. Outras formas de obter conhecimento também podem agilizar o ciclo OODA. Porém a maior disponibilidade de dados a partir de fontes abertas permite validar essa afirmativa.

<sup>90</sup>Dr Joseph Nye- Professor universitário e ex-reitor da "*Havard's Kennedy School of Government*". Ocupou diversos cargos no governo dos EUA e publicou diversos livros. Em 2011, foi considerado pela *Foreign Policy* um dos 100 maiores pensadores do mundo. É um dos teóricos do "*soft power*" (NYE, JOSEPH S. Jr. *Havard Kennedy School*; Disponível em:<[www.hks.harvard.edu/about/faculty-staff-directory/joseph-nye](http://www.hks.harvard.edu/about/faculty-staff-directory/joseph-nye)> Acesso em : 18 jul.2015)

Os exemplos citados fundamentam a importância em se incrementar o uso da *OSINT* para obtenção de inteligência estratégica.

### 3.2- A necessidade da OSINT.

Após vermos a importância da *OSINT* podemos verificar o ambiente que se descortina no início do século XXI. A inteligência baseada em fontes abertas evolui com a “explosão” da internet conjugada com o que Steele denomina os seis desafios do início do século 21. Imersos em um ambiente multipolar e multidimensional em que se deve distinguir entre as ameaças convencionais (associadas a governos que tem sua dinâmica plenamente conhecida) e ameaças emergentes (não governamentais, não convencionais denominadas também de novas ameaças<sup>91</sup>), sendo que ambas devem ser acompanhadas e monitoradas<sup>92</sup> (STEELE, 2001 p. 3-5). Os seis desafios apresentados por Steele são:

- a) satisfazer as necessidades dos programas públicos adequando os gastos as novas realidades orçamentárias, por meio do emprego de uma inteligência mais eficaz, combatendo a corrupção e tendo mais transparência na justificativa de gastos;
- b) A falta de uma metodologia que permita as comunidades de relações internacionais e de inteligência perceberem avisos e indicações de alterações revolucionárias ocorridas nos diversos objetos em observação;
- c) novas teorias e métodos de contrainteligência nos quais Steele relata a dificuldade de monitorar e acompanhar as ameaças emergentes. Devem ser reavaliadas as informações a serem efetivamente classificadas e protegidas, de forma que as demais possam ser compartilhadas. Deve-se privilegiar o compartilhamento de dados e informações para fazer frente a dinâmica das novas ameaças;
- d) desenvolvimento de uma estratégia nacional de tecnologia de informações que integre as comunicações, recursos computacionais e de análise, de forma a possibilitar a integração de todos os dados obtidos a partir de diferentes fontes<sup>93</sup>;

<sup>91</sup>Novas ameaças - São comumente identificadas como novas ameaças o terrorismo, o tráfico ilegal de armas, drogas e pessoas e a pirataria.

(SILVA, Antônio Ruy de Almeida, “**AS NOVAS AMEAÇAS” E A MARINHA DO BRASIL**. Disponível em < [www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/marinhaNovasAmeacas.pdf](http://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/marinhaNovasAmeacas.pdf)> Acesso em : 11jul 2015)

<sup>92</sup>STEELE, Robert David; *On Intelligence: Spies and secrecy in a Open World*.1.ed. Oakton: OSS International Press. 2001.p. 3-5.

<sup>93</sup>As diferentes fontes são a inteligência de sinais, inteligência de imagens e humanas.

e) desenvolvimento de um sistema que atenda aos múltiplos requisitos. Esse desafio está na busca de uma plataforma que integre a multiplicidade de formas e parâmetros de entrada de dados e os múltiplos requisitos dos diversos usuários ou parâmetros de saída. O problema está na fragmentação do que é denominado como a gerência da inteligência, ou seja, a diversidade de fontes e requisitos de entrada dos dados e os diferentes parâmetros de saída ou resposta desejados, passando pela integração de todos os processos envolvidos; e

f) a associação da redução da disponibilidade de recursos com a dificuldade em identificar as ameaças emergentes vem ocasionando uma má reorientação de recursos necessários para fazer frente a essas ameaças (STEELE, 2001 p. 6-18).

Steele nos relata que a inteligência não deve se limitar a informar o que é ou não é uma ameaça, ela deve informar aos tomadores de decisão todos os aspectos do esforço humano, sendo primordial uma nova metodologia que forneça indicações e alertas das alterações em todas as dimensões. Deve-se valorizar a obtenção de inteligência a partir de fontes abertas.

Ao buscar evitar falhas na inteligência estratégica, Steele relata que se deve incrementar a atenção devida as fontes abertas (ele também sugere uma modesta expansão e redirecionamento da capacidade de coleta pela *HUMINT*<sup>94</sup>) (STEELE, 2001 p 24). Steele ressalta que o ponto mais importante é o de que conhecimento é poder e que a tecnologia derrubou muros que isolavam o conhecimento (STEELE, 2001 p. 29).

É apresentado pelo autor a necessidade de se desenvolver uma ferramenta de análise <sup>95</sup>que se baseie em uma arquitetura de banco de dados e que realize uma fusão de dados classificados e não classificados (incluindo os de fontes abertas) estendendo o alcance dos analistas a cada canto do globo (STEELE, 2001 p. 27).

Por fim ele ressalta que devemos nos afastar da estratégia de criar um produto altamente classificado para o consumo de poucos em detrimento da maximização do acesso a todas as áreas do conhecimento humano, sendo que os pecados da inteligência estarão sempre

<sup>94</sup>*HUMINT- Human Intelligence* – A fontes humanas normalmente são abertas, dados obtidos de publicações são de fontes humanas, assim como de mídia. Uso de espões empregando meios clandestinos só será *HUMINT* se o alvo for uma fonte humana..

<sup>95</sup> Algumas dessas ferramentas já se encontram em uso por órgãos de inteligência e existem discussões para implementação no âmbito da MB.

presentes e a reestruturação “curará” alguns e trará “à tona” outros. O grande desafio se dá na visão da estratégia e na aplicação de um novo paradigma baseado na forma como são vistos os analistas e seu papel no processo de tomada de decisões diárias, na adoção de uma estratégia de gestão do conhecimento que acelera a integração das comunicações e os sistemas de computação e a adoção da informação por fontes abertas (STEELE, 2001 p. 29-30).

Um dos problemas atuais que Steele apresenta é a grande quantidade de informações que se tornam disponíveis. Alex Young escreve um artigo em que analisa esse desafio<sup>96</sup>. Na era da digitalização e tecnologia as agências de inteligência processam imensas quantidades de informações sobre indivíduos, atores governamentais e não governamentais a cada dia. Os especialistas assumem que o objetivo da inteligência é acumular a maior quantidade possível de informações de forma a compreender melhor o mundo. Ressalta também que 10% da população<sup>97</sup> (em 2013) possui algum acesso ou credencial de segurança. Porém essa atitude agressiva não torna as agências do governo mais bem informadas ou aumenta a qualidade da política de segurança. Ao contrário, o excesso de coleta leva a um excesso de informações tanto ao nível individual quanto ao institucional<sup>98</sup>.

Esse excesso de informações leva a falhas no julgamento feito pelas agências de inteligência. O excesso de informações ocasiona nos analistas o “*overload cognitivo*” que é a incapacidade de processar tantas informações, o que adiciona stress, indecisão e análises menos efetivas para o processo decisório (YOUNG, 2013).

O excesso de informações poderá implicar em duplicação do mesmo dado coletado por mais de uma fonte. Não sendo simples detectar e isolar essa duplicação, principalmente se as fontes tiverem uma mesma origem, mas esta não perceptível ao analista. Isto pode gerar erroneamente o aumento da credibilidade do dado, por se imaginar vir de fontes distintas (YOUNG, 2013).<sup>99</sup>

<sup>96</sup> Este artigo retrata bem algumas das dificuldades e limitações da OSINT.

<sup>97</sup> No caso, a população dos EUA.

<sup>98</sup> YOUNG, Alex: “***Too Much Information: Ineffective Intelligence Collection***”. Disponível em: <[www.hir.harvard.edu/archives/10382](http://www.hir.harvard.edu/archives/10382)> Acesso em: 11 jul. 2015.

<sup>99</sup> Com o emprego da Técnica de Avaliação de Dados o analista pode mitigar ou dirimir esta característica. Essa técnica está contida no item 3.7 do Manual MD-52-M-01 Doutrina de Inteligência de Defesa.

Young também aponta a outra questão, também relatada por Steele, que é o excesso de classificação ou sigilo de uma dada informação. Isso pode ocorrer se classificando uma informação sem necessidade ou adotando um grau de sigilo superior ao que deveria ser atribuído. Um dos efeitos colaterais dessa ação é a redução de compartilhamento de uma informação (já apontado por Kent<sup>100</sup>), assim como a negação de acesso a algum profissional de inteligência que tivesse a necessidade de conhecer para produzir uma melhor análise. O autor aponta como sendo uma tendência natural se classificar documentos além do necessário como forma de precaução, o chamado “pecar por excesso”. O excesso de secretismo tem forte influência na perda da eficiência das agências de inteligência (YOUNG, 2013).

É relevante o texto de Madill, que corrobora a posição já apresentada por Kent na década de 40. “Os melhores dados de inteligência classificados ou não, são inúteis se o produtor de inteligência não tem o conhecimento deles<sup>101</sup>.” Por fim Steele nos relata que 75% das informações classificadas poderiam ter sua classificação reduzida ou ser tornadas ostensivas<sup>102</sup> (STEELE, 2001 p. 56).

Um último conceito importante ressaltado por Steele é o de que fontes abertas não significam fontes grátis. O processo de seleção dessas fontes, escolhendo as que incorporarão maior valor a *OSINT* é que tornará a inteligência mais valiosa.<sup>103</sup> (STEELE 2001 p. 119-122).

### **3.3 – Uma metodologia segundo Robert David Steele.**

Iniciaremos apresentando alguns pressupostos iniciais antes de detalhar a metodologia de obtenção de inteligência apresentada por Steele.

#### **3.3.1- Pressupostos iniciais.**

Steele ressalta que a estratégia nacional de inteligência<sup>104</sup> deve ser baseada em quatro pilares: conectividade; conteúdo; coordenação; e comunicações e segurança das

(BRASIL, **MD-52-01 Doutrina de Inteligência de Defesa**, 2005. Disponível em: < [http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52\\_n\\_01.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52_n_01.pdf)> Acesso em 18 nov 2015.)

<sup>100</sup> KENT, Sherman; **Informações estratégicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967. p. 169.

<sup>101</sup> Tradução nossa de “The best intelligence data, classified ou unclassified, are worthless if the intelligence producer is unaware of them”

(MILITARY INTELLIGENCE, Fort Huachuca (Az): October-December 2005: Disponível em <[https://fas.org/irp/agency/army/mipb/2005\\_04.pdf](https://fas.org/irp/agency/army/mipb/2005_04.pdf)> Acesso em : 29Mar 2015)

<sup>102</sup> Convém ressaltar que esta é uma visão baseada na experiência do autor baseado em sua experiência nos órgãos de inteligência dos EUA.

<sup>103</sup> Esse conceito de selecionar as fontes está diretamente relacionado à fase de discriminação dos 4D da *OSINT*.

<sup>104</sup> É interessante ressaltar que está é uma proposta apresentada por Steele para os EUA.

informações. Indivíduos e organizações devem estar eletronicamente conectados, ter acesso ao máximo de conteúdo e conhecimento, serem capazes de arquivar e trocar dados com segurança e integridade empregando uma estrutura de comunicações nacional (STEELE 2001 p. 339).

O principal resultado esperado da *OSINT* é prover inteligência suficiente, no tempo certo, no mais baixo nível de sigilo de forma compatível a dar a mais ampla disseminação necessária, atendendo ao questionamento do que é importante saber e como (STEELE 2001 p. 142). Tanto Kent quanto Steele buscam o menor grau de sigilo possível para vencer o problema do secretismo e disseminar mais facilmente a informação.

STEELE nos aponta que a utilidade da inteligência (assim como sua disseminação) diminui com o aumento do grau de sigilo<sup>105</sup>. Ele prossegue ressaltando que a inteligência é dado que foi descoberto, discriminado, destilado (extraída) e disseminado<sup>106</sup>, a partir de fontes não classificadas, sendo um processo de obtenção de conhecimento para um usuário em um determinado tempo e lugar. “No ambiente global de hoje, a inteligência que possa ser compartilhada e não comprometa o dado baseada em fontes clandestinas é vital” (STEELE 2001 p. 143). Uma abordagem sugerida é fazer com que a mesma inteligência seja disseminada sob a forma de produtos com diferentes graus de sigilo, sendo que os mais detalhados<sup>107</sup> possuam um grau de sigilo superior (STEELE 2001 p. 144). Alguns sites de fontes abertas já empregam esse artifício, diferenciando os produtos disseminados de forma aberta daqueles somente disponibilizados a assinantes, mesmo ambos sendo ostensivos, como

---

<sup>105</sup>Logicamente, como o próprio autor aponta, existem situações em que o sigilo é extremamente importante. O exemplo esclarecedor dado pelo próprio autor é o das informações decorrentes da quebra de código dos alemães (ENIGMA) durante a II Guerra Mundial, quando o sigilo da inteligência obtida foi primordial para que os alemães não desconfiassem de que o seu código secreto tinha sido descoberto

<sup>106</sup>Descoberta, Discriminada, Destilada e Disseminada corresponde aos 4D de Steele.

<sup>107</sup>Aqueles que possuam informações que necessitem de um grau de sigilo superior dentro do seu detalhamento.

por exemplo o *IHS-Janes*<sup>108</sup>. Kent<sup>109</sup>, também chama a atenção quanto ao não emprego por todos os utilizadores que necessitam da informação devido ao sigilo.

É ressaltado por Steele que a informação a ser disseminada deva ser somente o necessária para o entendimento pelo utilizador (“*just enough*<sup>110</sup>”) devido à falta de tempo para se ler todas as nuances e referências de determinada informação<sup>111</sup>. A concisão e síntese devem ser buscadas de forma a disponibilizar somente o que é necessário ao utilizador (STEELE 2001 p. 144). Kent chama a atenção para a concisão do produto final, ressaltando que esta concisão pode desestimular a equipe de produção da inteligência.

Uma solução apresentada por Steele é a disponibilização da informação por meio eletrônico (ressalta-se a importância da conectividade e das comunicações seguras) com anexos ou links ao complemento da informação, possibilitando ao utilizador se aprofundar no assunto, caso considere necessário (STEELE 2001 p.144). O site da *Stratfor* emprega desse artifício.

A informação no tempo certo é um dos pressupostos apontados por Steele e Kent. O decisor necessita de inteligência no momento certo. Para tal é primordial conhecer as demandas do decisor, de forma a atendê-las. É o conceito denominado por Steele “*just in time*<sup>112</sup>” (STEELE, 2001 p. 144). Ressalta-se um dos pressupostos básicos da *OSINT* que é atender a demanda do cliente, ou seja, é uma coleta orientada da informação<sup>113</sup>.

Novamente baseado em conectividade e comunicações seguras, Steele sugere que a agenda do decisor seja disponibilizada ao pessoal incumbido de gerar inteligência, assim

<sup>108</sup>Na realidade o site substitui o grau de sigilo pela disponibilidade da informação, pois ambos são ostensivos, a somente assinantes. A lógica empregada é idêntica a sugerida pelo autor.

<sup>109</sup> KENT, Sherman; *Informações estratégicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967. p. 169

<sup>110</sup>*Just enough*- somente o suficiente.

<sup>111</sup> A qualidade ressaltada “*just enough*” guarda similaridade com o princípio da Inteligência “clareza e objetividade” explicitado na Doutrina de Inteligência de Defesa. (BRASIL, **MD-52-01 Doutrina de Inteligência de Defesa**, 2005. Disponível em: < [http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52\\_n\\_01.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52_n_01.pdf)> Acesso em 18 nov 2015.)

<sup>112</sup>*Just in time* – no momento certo.

A qualidade ressaltada “*just in time*” guarda similaridade com o princípio da Inteligência “oportunidade” explicitado na Doutrina de Inteligência de Defesa.

(BRASIL, MD-52-01 Doutrina de Inteligência de Defesa, 2005. Disponível em: < [http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52\\_n\\_01.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52_n_01.pdf)> Acesso em 18 nov 2015.)

<sup>113</sup>Na *OSINT* a informação não é um fim em si mesmo, deve-se empregar a metodologia para obter o conhecimento requerido pelo decisor. Essa característica é de toda atividade de inteligência.

pode ser alimentada por *links* onde o decisor tenha acesso à informação desejada para aquele momento (STEELE 2001 p 145). O site *Stratfor* trabalha com o conceito de “*just in time*”, disponibilizando ao início da semana uma agenda de acontecimentos e no correr da semana as análises disponibilizadas no site são decorrentes dos assuntos da agenda.

Acesso direto considerado como o estado da arte no século XXI é um analista colocar em contato direto um decisor de posse de uma questão complexa com um especialista<sup>114</sup> que possa responder aos questionamentos de forma direta e precisa atendendo aos requisitos necessários à tomada de decisão (STEELE 2001 p. 145).

A sugestão para possibilitar esse acesso direto é que os analistas de alto nível ou órgãos de inteligência estabeleçam uma rede (*network*)<sup>115</sup> possibilitando esses contatos quando necessário. A EGN possui diversos contatos com o mundo acadêmico que podem ser considerados como uma *network*<sup>116</sup>.

Existe uma necessidade de cartas e mapas para integrar as diversas informações, incluindo as advindas de outras fontes<sup>117</sup> (*IMINT*, *SIGINT*, *HUMINT* e outras) possibilitando ao decisor uma melhor visualização. Sugere-se a aquisição de mapas disponíveis no mercado (STEELE 2001 p. 146-147). Kent apontava para necessidade de uma mapoteca.<sup>118</sup>

Sobre as generalizações estratégicas, Steele as define como a necessidade do utilizador possuir informações estratégicas especiais para realizar o planejamento das ações. Existe uma correlação entre os diversos níveis<sup>119</sup> (estratégico, operacional, tático e técnico) em que se verifica que a ameaça se altera dependendo do nível de análise e do relacionamento entre a capacidade militar, fatores civis e geográficos da área de operações. Essa correlação dos diversos níveis consta do trabalho de Luttwak<sup>120</sup> em que é demonstrada a relação entre

<sup>114</sup>O especialista pode ser de fora da estrutura do órgão de inteligência.

<sup>115</sup>*Network* – É uma corrente de conexões que se cruzam em intervalos regulares, envolvendo contatos e relacionamentos que podem ajudá-lo a alcançar seus objetivos profissionais. (CALENDORO, Raul: **Você faz Network?** Disponível em :<[www.administradores.com.br/artigos/marketing/voce-faz-network/26722/](http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/voce-faz-network/26722/)> Acesso em: 24 jul 2015.)

<sup>116</sup>A Escola de Guerra Naval possui um relacionamento próximo com diversas entidades acadêmicas e seus integrantes que podem ser empregados para resolução de questões complexas.

<sup>117</sup>A integração dessas fontes que nos dará ao final produtos de inteligência mais robustos.

<sup>118</sup> Uma sugestão que pode ser implementada é a aquisição de software georeferenciado.

<sup>119</sup>Esses níveis são tratados no livro de Luttwak citado na nota de rodapé 96.

<sup>120</sup>LUTTWAK, Edward N.; **Estratégia – A lógica da Guerra e da Paz**, 1.ed. Biblioteca do Exército Editora, 2009. p. 125- 129.

diferentes sistemas de armas e os níveis da guerra, irracionais se considerados isoladamente, mas extremamente sensíveis se entendidos como parte do todo<sup>121</sup>. O modelo simplificado de análise se encontra na tabela do anexo A (STEELE 2001 p. 147-152).

Prosseguindo, o foco de qualquer análise estratégica deve ser multidimensional.

Todo conflito emergente ou em andamento tem aspectos multidimensionais. Assumem-se duas vertentes, a primeira contida no inter-relacionamento entre as fontes de poder nacional militares, civis e geográficas<sup>122</sup> e a segunda focada nas dimensões do poder nacional<sup>123</sup>, constante da tabela do anexo B (STEELE 2001 p 152- 154).

Tanto a generalização estratégica quanto a análise estratégica mencionada são entendidas como um aperfeiçoamento aos conceitos de estatura estratégica e vulnerabilidades críticas apresentadas por Kent quando da obtenção do elemento especulativo avaliativo.

Outra questão é definir o que é necessário saber e como. Isso significa que devemos observar uma maior quantidade de ameaças e oportunidades, mais sutis, difusas e obtusas<sup>124</sup> do que as que a comunidade de inteligência dos EUA, segundo Steele, está acostumada a lidar, ampliando o alcance na obtenção das informações. Ao mesmo tempo, o setor privado oferece um ilimitado alcance de opções de fontes abertas, sistemas e serviços aplicáveis às necessidades dos decisores com a vantagem de evitar limitações associadas ao uso de fontes sigilosas (STEELE 2001 p 155-156). É importante observar que podem advir outros problemas decorrentes dessas substituições como, por exemplo, os diferentes vieses que podem existir em um produto do setor privado.

---

<sup>121</sup>Um mesmo sistema analisado a um nível (estratégico, operacional, tático ou técnico) pode representar um determinado grau de ameaça para aquele nível e outro grau em outro nível. Por exemplo, ao nível tático o adiestramento de tripulações de determinada esquadra pode representar um nível de ameaça elevado a quem se contrapor, porém a análise operacional pode demonstrar que o nível de manutenção está baixo reduzindo a este nível o grau de ameaça para baixo.

<sup>122</sup>Baseado na tabela do anexo A. Convém ressaltar que essa tabela é uma simplificação devendo ser expandida conforme sugestão do autor na tabela constante do Apêndice F-1 do “*Open Source Intelligence: Professional Handbook 1.1*”

<sup>123</sup>Steele considera como dimensões do poder nacional as seguintes: Político- legal; Sócio- Econômico; Ideológico- Cultural; Tecnológico- Demográfico; e Natural- Geográfico

<sup>124</sup>Nesse ponto Steele faz uma relação com a necessidade, que foi apresentada neste trabalho, de um sistema de indicações alarmes que permita perceber as alterações no ambiente em observação, o que segundo ele, não é facilmente perceptível.

Segundo Steele um órgão de inteligência que empregue fontes abertas para apoio aos decisores deve estar estruturado em quatro níveis de informação a ser disponibilizada<sup>125</sup>:

a) *briefings*<sup>126</sup> diários de inteligência – É um resumo focado nas necessidades de informação dos utilizadores compilando o publicado sobre o assunto. Possui *links* de acesso à fonte ou documento completo;

b) auxílio on-line ou balcão de auxílio – É uma rápida resposta a questões específicas surgidas empregando o acesso à internet, meios comerciais on-line e bancos de dados acessados remotamente;

c) coleta primária – Identifica e contata especialistas que possam obter informações mais detalhadas assim como material mais específico, aprofundando o conhecimento pertinente.

d) previsões estratégicas – São os estudos estratégicos e previsões, incluindo previsões de tendências e oportunidades estratégicas e técnicas (STEELE 2001 p 169-170).

Após isso Steele nos apresenta as especialidades do pessoal que trabalhará com fontes abertas. A função chave dessa estrutura é unir a necessidade de conhecimentos e coletar onde estiverem disponíveis – o conhecer quem sabe de acordo com a fase de descoberta do processo de obtenção de inteligência. As especialidades podem ser relacionadas às apresentadas por Kent<sup>127</sup> e sendo as seguintes:

a) especialista de internet – Mantém acompanhamento dos assuntos, especialistas<sup>128</sup> na sua área de atuação e acompanham o desenvolvimento de novas tecnologias da internet. Esta categoria está relacionada ao pessoal de inteligência relatado por Kent;

b) especialista em custos *on-line* – Este especialista deve conhecer em termos estratégicos, a utilidade relativa e o valor das várias fontes comerciais disponíveis nos diversos domínios. Deve também ter conhecimento de banco de dados e línguas estrangeiras.

<sup>125</sup> De fato qualquer órgão de inteligência deve possuir estas capacidades.

<sup>126</sup> *Briefing* – palavra inglesa que significa resumo em português. Mantida na forma original devido a sua disseminação na MB.

(SIGNIFICADOS. Disponível em: <[www.significados.com.br/briefing/](http://www.significados.com.br/briefing/)>. Acesso em 25 jul 2015.)

<sup>127</sup> As especialidades apresentadas por Sherman Kent não podem ser encaradas de forma rígida sendo que algumas “fronteiras” foram rompidas pelos avanços de tecnologias.

<sup>128</sup> Os especialistas mencionados são aqueles que podem ser consultados para auxiliar a resolução de uma questão ou mesmo por meio de acesso direto (explanado anteriormente).

Essa categoria seria uma mescla entre o pessoal de arquivo (com predominância dessas características) e o pessoal de informações na divisão apresentada por Kent;

c) especialista em pesquisas primárias – Especialista em determinadas áreas que sabe onde coletar informações que não estão disponíveis em ferramentas de busca comuns ou acesso a especialistas que possuem dados não disponíveis na internet. Esses são relacionados ao pessoal de inteligência da classificação de Kent e realizariam as análises necessárias; e

d) especialista em serviços externos – Chefe da seção acompanhando e supervisionando toda a produção. Pode ser empregado também para contratar pessoal para a célula de inteligência. Relacionado à equipe de controle de Kent (STEELE 2001 p 172-173).

### **3.3.2- Metodologia.**

Steele apresenta a *OSINT* como a grande e nova força do século XXI frente a três tendências distintas: a proliferação da internet como ferramenta de compartilhamento de informações; a explosão da informação com o conhecimento publicado crescendo exponencialmente; e o colapso de muitas áreas e regiões que possuíam acesso anteriormente negado<sup>129</sup>.

Os quatro pilares para uma estratégia de *OSINT* são: as fontes a serem empregadas; o *software*; serviços; e a análise. O *software* é a base na qual se deve trabalhar e a análise serve para interligar a *OSINT* com as demais fontes de inteligência (STEELE 2002 p 171). As fontes da *OSINT* são:

a) mídia tradicional – são as mídias as quais éramos familiarizados antes do advento da internet, ou seja, jornais, revistas, televisão, rádio e livros;

b) internet – A internet possui diversos sites e serviços tendenciosos que não se prestam a *OSINT*. O profissional de inteligência deve avaliar a fonte (discriminar) e colocar o produto gerado dentro do contexto necessário ao utilizador. A internet também é vetor de disseminação de arquivos com conteúdos maliciosos dentro de um contexto de Guerra

<sup>129</sup>STEELE, Robert David; *The New Craft Of Intelligence. Personal, Public, & Political*. 1. Ed. Oakton: OSS International Press. 2002. p. 169.

Cibernética <sup>130</sup>(GC) que está fora do escopo deste trabalho, porém demanda cuidados dos profissionais de inteligência;

c) serviços comerciais *on-line* pagos – Serviços que fornecem conteúdo e análises mediante uma taxa, podendo ser uma assinatura ou por informação mais detalhada (ou por ambas);

d) literatura especializada, porém não facilmente encontrada (*gray literature*) – É a informação ética e legal, mas não disponibilizada para as ferramentas de busca comuns.

Somente disponível por canais especializados ou acesso direto;

e) pessoas com reconhecido saber sobre determinado assunto – Existem certos assuntos ou conhecimento que por mais tempo que se tenha para coletar a informação será incompleta. Nesse caso recorrer a pessoas com renomado conhecimento é uma alternativa.

f) imagens comerciais – Imagens satélites podem ser obtidas por fontes abertas (normalmente paga) e serem processadas (dependendo da imagem será tratada pela IMINT); e g) acesso a intranet (internet interna de empresas) e gerenciamento de acesso –

acesso a redes internas de empresas e bancos de dados que podem ser adquiridos. Neste tópico também se detalha o gerenciamento de acesso a fontes abertas pagas restringindo ao somente necessário, a fim de reduzir custos deste acesso (STEELE 2002 p 171-178).

No que tange ao pilar serviços da *OSINT*, é constituído por:

---

<sup>130</sup>Guerra Cibernética – A GC é uma modalidade de Guerra onde o “conflito” não ocorre em terra, ou no mar, ou no espaço, mas sim no espaço cibernético (Eciber). Os armamentos utilizados neste tipo de guerra são conhecidos como artefatos cibernéticos, que se tratam de equipamentos ou sistemas empregados na Eciber para execução de ações de defesa, exploração e ataque. Tais ações em conjunto são denominadas ações de guerra cibernética. Os ataques cibernéticos são passíveis de ocorrer porque os sistemas computacionais possuem vulnerabilidades, com os mais diversos propósitos, tais como: subtração de dados; conhecimentos das vulnerabilidades de redes e dispositivos; alterações de páginas na internet; interrupção de serviços; e degradação da infraestrutura crítica. Mesmo nas redes segregadas ou sistemas isolados, observa-se a existência de vulnerabilidades nos mesmos patamares das redes conectadas. De fato, não há segregação total, pois alguma rede ou dispositivo, mesmo dito isolado, são acessados por dispositivos que, em outro momento, estiveram ou estarão conectados à internet.

(BRASIL, **CGCFN-0-1- Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais**. 1 Rev. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, 2013. p. 2-14 – 2-15.)

a) coleta – Serviços de coleta incluem coleta *on-line* propriamente dita e a aquisição de ferramentas especializadas em busca na internet e na internet profunda<sup>131</sup>, fontes comerciais, literatura especializada *off-line*, vigilância aérea ou serviços de reconhecimento;

b) processamento – Conversão de dados de meio físico<sup>132</sup> para digital ou analógico para digital, dados e imagens processados de forma a constar de bancos de dados. Quando integrado com uma coleta de fontes abertas bem planejada e uma correta análise, serviços complexos de processamento podem apresentar altos dividendos sintetizando grandes quantidades de dados em produtos formatados para requisitos específicos de inteligência; e

c) análise – Uma grande variedade de instituições acadêmicas e comerciais disponibilizam serviços de produção e análise. A maior eficácia, segundo Steele, encontra-se em contratar analistas sobre determinado assunto ou conhecimento (STEELE 2002 p 178-180).

A partir deste ponto trataremos da metodologia<sup>133</sup> de inteligência a partir de fontes abertas de acordo com Steele. Esta metodologia é baseada nas fases do processo de obtenção de inteligência<sup>134</sup>, sendo dividido em cinco estágios constituídas por: planejamento e

---

<sup>131</sup>Internet profunda – Também conhecida como internet invisível ou oculta (*Deep Web, Deep internet, Undernet*) se refere ao conteúdo da *World Wide Web* que não faz parte da Internet navegável ou de superfície (*Surface Web*), indexada por mecanismos de busca padrão (ex. *Google, Bing*). A internet profunda inclui todo o domínio *web* invisível, onde o internauta comum nunca navega. A internet profunda é composta em especial por páginas protegidas, informações de banco de dados textuais e arquivos sem metadados, abrigando 96% de todo conteúdo da *Web*, ou seja contém muito mais informação que toda a internet de superfície (4% da *Web*). Muitas vezes, as pessoas submetem intencionalmente seus dados à internet profunda para conseguir privacidade e anonimato, muitas delas, para fins criminosos. Mas não há somente criminosos na internet profunda. Muitas universidades de renome e instituições de pesquisa científica partilham as suas informações em sites próprios na internet profunda. Existem também comunidades de investigadores e entusiastas que necessitam fazer a partilha segura de informação fora da “*web*” normal. Em alguns países a posse de ferramentas que possibilitem navegar na internet profunda é crime.

(LITTERIS, Consulting. A Internet profunda: segredos riscos e ameaças. Disponível em: <[www.litteris-consulting.com.br/internet-profunda-segredos-riscos-e-ameacas](http://www.litteris-consulting.com.br/internet-profunda-segredos-riscos-e-ameacas)>. Acesso em: 26 jul 2015.)

<sup>132</sup>Entende-se como meio físico todo material que não está contido em alguma forma de mídia digital, como por exemplo revistas e livros impressos.

<sup>133</sup>No original de Steele ele trata como sendo o ciclo de inteligência, porém seus estágios são similares aos estágios do método para produção de conhecimento constante da Doutrina de Inteligência de Defesa adotado como uma metodologia.

(BRASIL, **MD-52-01 Doutrina de Inteligência de Defesa**, 2005. Disponível em: <[http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52\\_n\\_01.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52_n_01.pdf)> Acesso em 18 nov 2015.)

<sup>134</sup>O processo de obtenção de inteligência também é conhecido como os 4D’s já foi explanado no item 3.1.1 deste capítulo.

direcionamento; coleta; processamento e exploração; produção; e disseminação e evolução (STEELE 2002 p 180). Já a metodologia de Kent é constituída por sete estágios<sup>135</sup>.

A organização do planejamento é responsabilidade do comandante que deve estabelecer os Elementos Essenciais de Informação<sup>136</sup> (EEI) e fornecer os recursos necessários. Apesar dos membros da inteligência serem os principais a atuar na atividade de *OSINT*, outros membros do Estado-Maior podem se encontrar melhor posicionados e coletar dados de fontes abertas<sup>137</sup> (Kent já sugeria esta postura). Para realizar o planejamento e direcionamento é necessária a definição de requisitos, o desenvolvimento e a realimentação.

O grande desafio da definição de requisitos é estabelecer e manter um rigoroso e disciplinado processo para definir os requisitos de que fontes abertas devem ser acessadas. O autor cita duas situações de fracasso garantido, que são resumidas nas frases “diga-me tudo sobre tudo” e “se eu tenho que dizer o que preciso você não está fazendo um bom serviço”.

Basicamente, deve-se definir de forma clara o que é necessário saber e o porquê.

O estágio de planejamento e direcionamento é um processo cíclico e contínuo. A *OSINT* deve ser realimentada e redirecionada para melhor atender às necessidades do utilizador (STEELE 2002 p 180-183). Esse estágio pode ser comparado com os estágios de aparecimento do problema e análise do problema (duas primeiras do processo de Kent).

Em uma hipotética utilização da metodologia de obtenção de inteligência de Kent pela *OSINT*, conforme teorizada por Steele, o estágio de aparecimento do problema se daria somente com a alternativa de apresentação do problema pelo utilizador, já que a *OSINT* realiza os serviços a partir de demandas. Já no estágio de análise do problema de Kent

<sup>135</sup>Os sete estágios foram explanadas no item 2.3 deste trabalho e são: aparecimento do problema substantivo; análise do problema substantivo; busca de dados; avaliação dos dados; momento da hipótese; nova busca de dados; e apresentação

<sup>136</sup>EEI – Tradução nossa – Requisitos mais críticos de informações acerca do adversário ou ambiente necessários ao Comandante em determinado tempo para compilar com outras informações e inteligência disponíveis de forma a auxiliar a tomada de uma decisão.

(ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **U.S. DoD Terminology: essential elements of information**. Disponível em <[www.militaryfactory.com/dictionary/military-terms-defined.asp?term\\_id=1924](http://www.militaryfactory.com/dictionary/military-terms-defined.asp?term_id=1924)> Acesso em 26 jul 2015.)

Acordo a publicação MD30-M-01 são os Elementos Essenciais de Inteligência.

<sup>137</sup>Essa metodologia é similar à descrita na DIOpOC (MD-32-M-01).

(BRASIL, **MD32-M-01-Doutrina Inteligência Operacional para Operações Combinadas**. 1 ed. Ministério da Defesa Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2006. 128 p.)

identificamos uma similaridade, que é a imprescindível orientação do utilizador sobre o que efetivamente se deseja (EEI).

O estágio de coleta de Steele é centrada na pesquisa, assim que determinados os requisitos de coleta deve-se verificar se as fontes atendem ao desejado. A coleta requer a tradução das necessidades de inteligência em requisitos de inteligência, estabelecendo-se uma estratégia para coleta nas fontes. É a fase da descoberta do 4D's. O profissional de inteligência deve coletar, acompanhar e manter suas fontes visando atender os requisitos de inteligência.

Uma das principais qualidades é conseguir estabelecer o foco da coleta rapidamente quando surge uma necessidade urgente de inteligência<sup>138</sup>.

No estágio da coleta é essencial a manutenção da disciplina. O profissional de inteligência deve produzir o necessário dentro do prazo. Gerenciamento do tempo e nível de detalhamento da informação são primordiais. O tempo dispendido na coleta será subtraído do a ser utilizado na análise.

Algumas questões surgem em relação a *OSINT*. São a segurança das operações; direitos autorais; deficiências da língua estrangeira; e obstáculos ao estabelecimento de redes de relacionamentos externos.

No que tange à segurança das operações é um equívoco acreditar que todas as discussões com provedores de *OSINT* serão de forma ostensiva. Isso é facilmente alcançável por meio de duas medidas: a ocultação da origem da pesquisa utilizando intermediários confiáveis; e a utilização de acordos de confidencialidade quando se fizer necessário proteger as preocupações e intenções do utilizador.

No que se referem aos direitos autorais, os mesmos devem ser respeitados em prol da ética e da legalidade, assim como pelo fato da *OSINT* poder ser compartilhada. Na parte atinente a conhecimento de línguas estrangeiras, ressalta-se o que já foi apresentado no item

---

<sup>138</sup>Para tal, Steele sugere que o profissional deva manter uma relação de assuntos x especialistas x fontes com suas ramificações.

3.1.2 deste capítulo, que pode ser ampliado pela necessidade de se conhecer as deficiências de conhecimento de línguas estrangeiras empregadas na situação em estudo<sup>139</sup>.

Por último, no estágio de coleta temos os quatro obstáculos ao estabelecimento de redes de relacionamentos externos, que podem ser sintetizados em: falta de conhecimento dos que são realmente especialistas nos assuntos; receio de revelar a questão que está sendo investigada; falta de verbas para remunerar os serviços de consultoria prestados; e rotinas de segurança das estruturas de comando e controle que proíbem o acesso à internet, dificultando a coleta e a migração para base de dados (STEELE 2002 p 183-187).

Esse estágio está relacionado com a busca de dados de Kent, sendo ele discorre sobre os métodos clandestinos de busca de dados não aplicável na *OSINT*.

O estágio seguinte é o processamento e análise, que está relacionada a fase de discriminação dos 4 D's. Nesse estágio deve-se separar o relevante do restante. O analista deve ter especial atenção para não ser envolvido em tendências ou mesmo fraudes do autor. A fonte deve ser analisada e leva-se em consideração que o fato da fonte ser um órgão governamental não lhe dá isenção. O analista deve ser capaz de distinguir entre um fato e uma especulação.

O analista deve sempre buscar referenciar a fonte fornecendo, quando possível, uma descrição de qual fonte de informação foi obtido o dado. Sem a origem das fontes abertas descrita o seu conteúdo deve ser considerado suspeito e de menor valor. Também é relevante quando processando uma informação de fontes abertas, levar em consideração os modelos de análise constantes nos anexos A e B e que foram explanados anteriormente. Em relação ao modelo do anexo A é conveniente lembrar que o grau de ameaça pode se alterar em função do nível de análise.

Outra consideração é em relação à autenticidade do sítio e sua avaliação, haja vista que com o crescimento exponencial da internet existem muitas informações e dados falsos disponíveis. Neste tópico deve-se verificar:

<sup>139</sup>Um exemplo citado por Steele é que para entender terrorismo internacional, movimentos insurgentes, movimentos de oposição política violenta requeriam em 2002 (ano da publicação de seu livro) o conhecimento de 29 idiomas.

(STEELE, Robert David; *The New Craft Of Intelligence. Personal, Public, & Political*. 1. Ed. Oakton: OSS International Press. 2002. p 187.)

- a) acurácia – A fidedignidade da informação quando comparada com outras fontes. Aferir e comparar a informação obtida com o existente de outras fontes fidedignas;
- b) credibilidade e autoridade – Verificar a origem do sítio esclarecendo se não é um sítio tendencioso ou alguma “construção falsificada”. Verificar se o sítio é utilizado como fonte de informação por outros sítios já conhecidos. Verificar onde é “hospedado” o sítio;
- c) atualização – Verificar se o sítio possui dados atualizados ou já desatualizados;
- d) oportunidade – Verificar se o sítio representa indivíduos ou grupos, advoga alguma causa, é porta-voz de alguma organização, é o sítio principal ou alguma filial e qual a filiação ou associação; e
- e) relevância – Estabelecer a relevância da informação do sítio para a questão em discussão. Ressalta-se que possuir informações interessantes não são necessariamente relevantes (STEELE 2002 p.189-192).

Em relação à metodologia apresentado por Kent, esse estágio está relacionado à avaliação dos dados, sendo que no caso da *OSINT* a fonte de dados é informada ao contrário da metodologia explanada anteriormente, que utiliza a palavra documentário<sup>140</sup> para referenciar dados extraídos de fontes abertas.

O estágio da metodologia de produção de *OSINT* apresentada pelo autor baseia-se na dependência no engajamento além dos limites institucionais pela equipe de inteligência. Exige conhecimento e entendimento de informações fora dos canais de inteligência de forma a localizar e explorar as melhores fontes de informação relevantes ao problema existente e engajá-las em uma troca significativa para solução do problema. Esse estágio está diretamente relacionada com o processo de destilação (extração) dos dados do 4D's. É constituída de quatro elementos principais, a saber:

- a) relatórios – A atuação neste elemento é o diferencial da *OSINT* sobre as demais formas de inteligência. Os relatórios são o início do processo e não o fim, refletindo a interatividade e orientação para o utilizador da *OSINT*. Devem ser orientados para o utilizador

<sup>140</sup> Kent critica esse procedimento de não apontar a fonte e sugere, que mesmo aberta seja avaliada e discriminada.

KENT, Sherman, **Informações Estratégicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.p. 167

e permitir que, por meio de links ou anexos, o utilizador possa se aprofundar no assunto. Via de regra os relatórios devem possuir a indicação de data e hora da coleta dos dados;

b) tabelas de *links* – Refere-se a ferramentas de busca na internet, tendo em vista que uma ferramenta cobre aproximadamente de 10 a 15% da internet visível<sup>141</sup> e todas em conjunto negligenciam a internet profunda. Com intuito de melhorar a produção são criadas tabelas com *links* para busca a sites;

c) ensino a distância – Muitas das questões básicas apresentadas pelo pessoal de informações inexperiente podem ser atendidas por estudos em vez de saturar os especialistas com questões simples. Para tal são criados recursos on-line que podem ser empregados para adestramento e coletas básicas atualizados de forma periódica<sup>142</sup>; e

d) fórum de especialistas<sup>143</sup> – São programas que permitem concentrar especialistas em determinada área de conhecimento e gerenciar o conhecimento disponibilizado. Podem conter alguma segurança de comunicações. Normalmente se recrutam especialistas com a contrapartida de que a *OSINT* a ser produzida será compartilhada com eles. O fórum serve também como um banco de dados de especialistas e para carregar toda forma de informações disponibilizadas por esses (STEELE 2002 p 192-197).

Esse estágio pode ser relacionada com os de momento da hipótese e o de mais coleta de dados estabelecida por Kent, sendo que na formulação de hipóteses a *OSINT* se vale de acesso a consultores externos que apresentam seus pontos de vista e incrementam a qualidade dessa fase. Outra vantagem é que os dados da *OSINT* não possuem sigilo, sendo mais fácil obter considerações e apoios de pessoal externo ao órgão de inteligência.

O estágio de disseminação e avaliação é outra que diferencia a *OSINT* de outras formas de inteligência pois a *OSINT* conceitualmente pode ser compartilhada com qualquer pessoa. Porém essa disseminação depende da política de disseminação a ser adotada pelo órgão de inteligência. O sigilo de um produto de inteligência é função de seu conteúdo, que

<sup>141</sup>Dados de 2002.

<sup>142</sup>O “*World Factbook*” da CIA pode ser citado como um exemplo deste elemento. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, *The World Factbook*. Disponível em: <[www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/](http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/)> Acesso em: 27 jul. 2015)

<sup>143</sup>Um dos aplicativos citados pelo autor ([www.groove.net](http://www.groove.net)) é empregado na missão de paz da ONU na UNIFIL para troca de informações e arquivos entre os Navios da Força-Tarefa Marítima e o quartel general em *Naqoura* (Líbano)

pode indicar capacidades ou intenções de quem o produziu, e não da forma como ele foi obtido, tornando a disseminação mais restrita (STEELE 2002 p 197-199).

O principal pressuposto é atender as necessidades do utilizador. Esse estágio é relacionada ao de apresentação da metodologia de Kent e possui em comum que é exigida a concisão do que será apresentado, sendo que na *OSINT* a concisão já é buscada desde o começo do processo.

### **3.4- Considerações parciais.**

A *OSINT* é a processo de obtenção de conhecimento aceitável para ser empregada em operações da ONU<sup>144</sup> e operações combinadas, pois permite que a inteligência obtida seja compartilhada devido, dentre outros, a obtenção de conhecimento de forma ética e legal<sup>145</sup>.

Também é importante ressaltar que fontes abertas não são sinônimo de fontes grátis.

O emprego da *OSINT* no nível estratégico dentro da ONU atende a três demandas, que são: discernir alarmes antecipados sobre conflitos catastróficos que podem demandar uma missão de paz; informar as lideranças da ONU sobre o dia a dia; e preparar as lideranças que serão desdobradas em uma missão de paz.

É importante ressaltar que a *OSINT* complementa e não substitui as outras fontes de inteligência, permanecendo a importância dessas para obtenção de inteligência. A *OSINT* é um processo de obtenção de conhecimento mais barato e produz subsídios para a busca ou coleta por outros meios.

A *OSINT* se caracteriza como a aplicação de uma metodologia de inteligência em uma variedade de fontes abertas que criarão o conhecimento desejado. E a *OSINT* validada é aquela que pode ser confirmada ou não foi refutada por conhecimentos advindos de fontes classificadas e fidedignos.

As quatro fases do processo de obtenção de inteligência denominado de 4D's são resumidas da seguinte forma: a fase de encontrar fontes e dados é denominada de descoberta; a fase de discriminação que é separar os dados relevantes daqueles que não são úteis; a destilação que é a extração e adição de conhecimento aos dados obtidos de forma a torná-los

<sup>144</sup> Porém não é exclusiva e sim complementa outras formas sendo preferencial.

<sup>145</sup> Convém ressaltar que outras formas de obtenção de inteligência também podem ser éticas e legais.

em inteligência focada no interesse do utilizador; e a disseminação que é a entrega do produto na forma que melhor atenda à necessidade do utilizador.

O emprego de fontes abertas permite uma maior velocidade na batalha pelo conhecimento<sup>146</sup> assim como a inteligência distribuída no tempo certo será primordial. Esse ponto interliga a *OSINT* com o ciclo de Boyle ou OODA.

É conveniente ressaltar que a *OSINT* tem um campo de emprego mais profícuo em que inexistem relações entre Estados e os objetos são outros atores, o que é reforçado por Joseph Nye que resalta o emprego de fontes abertas.

Isso está bem representado nos desafios apresentados por Steele em que se destacam: a necessidade de adequar aos novos patamares orçamentários; o estabelecimento de um sistema de alarmes e avisos que façam frente as novas ameaças; e o desenvolvimento de sistemas que permitam amalgamar e compartilhar o conhecimento obtido.

A grande quantidade de informação disponível e o excesso de secretismo são dois grandes problemas a serem enfrentados ao se estabelecer uma estrutura de *OSINT*.

São apresentados, por Steele, diversos pressupostos para o estabelecimento da *OSINT*, sendo um deles um ambiente perfeito de troca de informações entre as diversas agências, baseados em quatro pilares: conectividade; conteúdo; coordenação; e comunicações e segurança de informações.

A tendência é que o conhecimento seja disseminado com diferentes graus de sigilo, sendo o mais detalhado com um sigilo maior, assim como o conhecimento deverá ser somente o essencial para aquilo que o utilizador necessita no tempo certo.

A *OSINT* emprega as generalizações estratégicas em que realiza uma análise da situação sob os diversos níveis (estratégica, operacional, tático e técnico) e verifica que uma ameaça pode alterar dependendo do nível de análise. Também emprega as análises estratégicas; multidimensionais de forma a discernir os aspectos de conflitos emergentes.

Steele estrutura um órgão de inteligência em quatro níveis de informação a serem produzidas, da menos para a mais complexa, a saber: os *briefings* diários de inteligência; auxílios *on-line*; coleta primária; e previsões estratégicas. Para atender a essa demanda, o

---

<sup>146</sup> Steele considera que 90 a 95% do conhecimento não poderá ser mantido secreto.

pessoal é estruturado em quatro categorias, que são: os especialistas de internet; de custos *on-line*; pesquisas primárias; e serviços externos.

A estratégia da *OSINT* é baseada em quatro pilares, sendo o primordial as fontes, sem as quais a inteligência por fontes abertas seriam inviáveis. Os serviços comerciais *on-line* pagos e a literatura especializada podem ser considerados como uma subdivisão da internet, porém mantida à parte neste trabalho para melhor compreensão. O pilar de serviços dividido em coleta, processamento e análise é realizado dentro do ambiente da internet. Ressalta-se também o software e análise que hoje podem ser considerados como maiores problemas na implementação da *OSINT*, pois são, de uma maneira geral, soluções internas dos Órgãos de Inteligência.

A metodologia de inteligência é dividida, por Steele, em cinco estágios, a saber: o planejamento e direcionamento; a coleta; o processamento e análise; a produção; e a disseminação e evolução. Os Elementos Essenciais de Informação são estabelecidos no primeiro estágio, definindo de forma clara o que é necessário saber e por quê.

A coleta é a tradução das necessidades de inteligência em requisitos de inteligência, estabelecendo uma estratégia de coleta. Nesse estágio da metodologia se dá o efetivo emprego da tabela de *links*. No estágio de processamento e análise existe uma relação com a disseminação do conceito de 4D's, separando-se o relevante do restante. Dentro de uma das vertentes apresentadas por Steele, uma especial atenção deve ser dada ao problema do excesso de informação. Outro ponto relevante nesse estágio é a verificação da autenticidade da fonte ou sítio. Neste, verifica-se: a acurácia; a credibilidade e a autoridade; a atualização; a oportunidade; e a relevância da fonte.

O estágio da produção está relacionada à destilação (extração) do 4D's possuindo quatro elementos principais, que são: os relatórios; as tabelas de *links*; o ensino a distância; e o fórum de especialistas. O último estágio da metodologia é a disseminação e avaliação relacionada com a disseminação do 4D's. O principal pressuposto é atender as necessidades do utilizador com a devida concisão.



#### 4 – O EMPREGO DA *OSINT* NA MARINHA DO BRASIL

Neste capítulo sugeriremos algumas aplicações, sem esgotar as possibilidades, nas quais a *OSINT* pode ser empregada pela MB. Para consecução desse objetivo respaldaremos as sugestões nos arcabouços teóricos apresentados nos capítulos anteriores.

O emprego estratégico da *OSINT* na MB pode se destacar em diversas aplicações, em apoio às atividades da MB junto às missões de paz da ONU<sup>147</sup>, ou para possibilitar o pleno conhecimento do entorno estratégico descrito na Política Nacional de Defesa (PND):

A América do Sul é o ambiente regional no qual o Brasil se insere. Buscando aprofundar seus laços de cooperação, o País visualiza um entorno estratégico que extrapola a região sul-americana e inclui o Atlântico Sul e os países limítrofes da África, assim como a Antártica<sup>148</sup>.

A definição de entorno estratégico como área de interesse da inteligência, apresentada pelo professor José Luiz Fiori como “região onde o Brasil quer irradiar, preferencialmente, sua influência e sua liderança diplomática, econômica e militar<sup>149</sup>” é válida.

Outro documento que orienta a inteligência em nível estratégico é a Estratégia Nacional de Defesa<sup>150</sup> (END) que no atinente à aplicação da estratégia na inteligência de defesa descreve “a identificação das ameaças é o primeiro resultado da atividade da Inteligência de Defesa” (BRASIL, 2012 a p. 33) e nas ações estratégicas também no subitem de inteligência de defesa nos apresenta “[...] O Sistema deverá receber recursos necessários à formulação de diagnóstico conjuntural dos cenários vigentes em perspectiva política-estratégica, nos campos nacional e internacional [...]” (BRASIL, 2012 a p. 35).

<sup>147</sup>Atualmente a MB possui tropas e Navio desdobrados no Haiti e Líbano respectivamente, porém de longa data contribui com observadores militares em diversas missões de paz.

<sup>148</sup>BRASIL, **Política Nacional de Defesa (PND)**, 2012b. Disponível em: <[www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/pnd.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/pnd.pdf)> Acesso em 14 ago 2015.

<sup>149</sup>FIORI, J.L. **O Brasil e seu entorno Estratégico na Primeira Década do Século XXI**. In: Sader, Emir. (Org) 10 Anos de Governos Pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p 32.

<sup>150</sup>BRASIL, **Estratégia Nacional de Defesa (END)**, 2012 a. Disponível em: <[www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/end.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/end.pdf)> Acesso em 14 ago. 2015.

Dentro do contexto do entorno estratégico definido, a *OSINT* se apresenta como uma das possibilidades de solução para o estabelecimento de um sistema de alarmes e identificação de ameaças, conforme foi relatado no capítulo anterior.

Steele, na atualização de sua obra, nos informa que em 2004 a ONU estabeleceu os dez maiores perigos à segurança global, que são ordenados da seguinte forma: pobreza (1); doenças infecto contagiosas (2); degradação ambiental (3); conflitos entre Estados (4); guerra civil (5); genocídio (6); outras atrocidades quais sejam escravidão, prostituição, assassinato para obtenção de órgãos e outros (7); proliferação nuclear, radiológico, biológica e química (8); al queda

(9); e crime transnacional (10)<sup>151</sup>.

Essas ameaças em sua maioria são passíveis de acompanhamento pela *OSINT*, sendo que Platje nos informou que 80% dos dados sobre genocídio, terrorismo e proliferação estão disponíveis em fontes abertas (PLATJE, 2001 p. 398).

Em sua maioria essas ameaças<sup>152</sup> foram elencadas anteriormente por Steele como passíveis de acompanhamento pela *OSINT* e mencionadas por Holden-Rhodes (HOLDEN-RHODES, 1997 p.16).

Outro ponto de relevância para o emprego da *OSINT* é em apoio a pessoal da MB em missão no exterior, como por exemplo, podemos citar a existência de um oficial de ligação junto ao *JIAF-S*<sup>153</sup> que atua contra tráfico de drogas e crimes transnacionais.

<sup>151</sup>STEELE, Robert David; **Intelligence for earth. clarity, diversity, integrity, & sustainability**.1. Ed. Oakton: Earth Intelligence Network. 2010. p.5

<sup>152</sup>Holden-Rhodes publicou as seguintes ameaças como passíveis de acompanhamento pela *OSINT*: *os conflitos étnicos- religiosos e nacionalistas; a proliferação de armas incluindo as convencionais; biológicas, químicas e nucleares; os conflitos causados por recursos escassos; as doenças infecciosas como a AIDS; a globalização do crime organizado; o tráfico de drogas; as guerras econômicas e os conflitos sobre tecnologia; os movimentos migratórios humanos; e a fome.*

<sup>153</sup>JIAF-S -*Joint Interagency Task Force South* conduz operações internacionais e interagências de detecção e monitoramento e apoia a interdição do tráfico ilícito de drogas e outros crimes transnacionais em apoio à segurança nacional e nações parceiras. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, **Joint Interagency Task Force South**. Disponível em: <[www.ji-af.southcom.mil/index.aspx](http://www.ji-af.southcom.mil/index.aspx)>. Acesso em: 14 ago 2015.)

O principal processo de obtenção de conhecimento seria a *OSINT*, pois além de se basear em fontes abertas, pode ser compartilhada no destino<sup>154</sup>, é obtida de forma ética e legal, porém é passível de questionamentos. Pode-se verificar a viabilidade de disponibilizar *OSINT* validada de forma a ampliar a credibilidade das informações disponíveis ao oficial de ligação.

Para possibilitar esse compartilhamento, de forma expedita e disponibilizar o conhecimento necessário ao oficial em lide em tempo hábil, é importante observar os quatro pilares de uma estratégia nacional de inteligência: conectividade, conteúdo, comunicações e segurança tanto de informações quanto de comunicações (STEELE 2001, p.339).

Estabelecidos esses pressupostos, a *OSINT* estará em condições de atender as demandas apresentadas pelo utilizador e cumprir uma metodologia de produção de inteligência próprio. Ressalta-se a importância do utilizador delimitar exatamente suas necessidades de inteligência para que a *OSINT* possa atendê-lo com maior eficácia e no formato solicitado.

Após essas considerações iniciais detalharemos, respaldados pela teoria dos capítulos anteriores, possibilidades de emprego da *OSINT* em missões de paz e como apoio a inteligência no entorno estratégico.

#### **4.1 – A *OSINT* em apoio a uma missão de paz.**

Tendo em vista que a MB atua em nível de Comando de Tropa e de Força em duas missões, Haiti<sup>155</sup> e Líbano<sup>156</sup> respectivamente, além de oficiais na estrutura de Estado-Maior dessas missões é importante conhecer as condicionantes de funcionamento de uma estrutura de inteligência em missão de paz, assim como a influência da *OSINT* nessa estrutura.

---

<sup>154</sup> Porém essa disseminação depende da política de disseminação a ser adotada pelo órgão de inteligência. O sigilo de um produto de inteligência é função de seu conteúdo, que pode indicar capacidades ou intenções de quem o produziu, e não da forma como ele foi obtido, tornando a disseminação mais restrita

<sup>155</sup> MINUSTAH- *United Nations Stabilization Mission in Haiti*.

<sup>156</sup> UNIFIL- *United Nations Interim Force in Lebanon*.

Este autor serviu no Estado-Maior, da UNIFIL, com o Sr. Renaud Theunens<sup>157</sup>, autor de um capítulo do compêndio sobre PKI da ONU e que chefia o *Joint Mission Analysis Center* (JMAC) desde 2009. Portanto, a análise será dentro da realidade da missão no Líbano.

O JMAC atende aos requisitos explanados em seu artigo, como sendo um centro que concentre e efetue a fusão de dados de inteligência de uma missão, além de organizar o compartilhamento dela. O JMAC deve-se ao fato de que a parte militar de uma operação de paz não opera sozinha. Dentro de uma missão temos organizações civis da ONU, Organizações Não-Governamentais<sup>158</sup> (ONG), organizações do país anfitrião dentre outras, cada qual com sua cultura organizacional própria (PLATJE, 2001 p. 67). O JMAC pode ter sua base teórica obtida junto a Kent quando ele explica a necessidade de um órgão central que possua precedência (no caso da UNIFIL) sobre os demais órgãos e seja um centralizador (KENT, 1967, p. 96-98).

O JMAC emprega o acesso direto (STEELE, 2002 p.145) de forma a depurar o conhecimento e atender suas coletas primárias e previsões estratégicas (STEELE, 2001 p. 169-170). O JMAC não atua nos *briefings* diários. Quando necessário publica análises efetuadas por fontes externas<sup>159</sup>, o que evidencia o emprego da *OSINT*.

Theunens nos diz que a virada do século é marcada por um incremento das missões de paz e mudanças drásticas no cenário geopolítico que refletiram na forma como são encarados os serviços de inteligência. É esperado que esses serviços sejam permanentemente vigilantes e possam prover os alarmes necessários ( PLATJE, 2001 p. 62).

---

<sup>157</sup>Renaud Theunens é graduado em ciências sociais e militares. Atuou de 1994-95 como assessor de inteligência na missão UNPROFOR/UNPF na Croácia. Em 1996-97 foi analista de inteligência no quartel-general da UNTAES em Vukovar (Croácia). Em 1998-99 foi chefe da célula de Inteligência Belga em Sarajevo. De 1999-2000 foi chefe e analista sênior para os Bálcãs junto à Inteligência Militar Belga.

(PUBLIC INTELLIGENCE, Renaud Theunens. Disponível em <[www.phibetaiota.net/2007/03/whos-who-in-peace-intelligence-renaud-theunens](http://www.phibetaiota.net/2007/03/whos-who-in-peace-intelligence-renaud-theunens)> Acesso em : 14 ago. 2015. )

<sup>158</sup>Em inglês *Non-Governmental Organization* (NGO).

<sup>159</sup>Como exemplo, no período em lide o JMAC disseminou um estudo de 31 julho de 2012 do ISW- *Institute for the Study of War* sobre a base naval Russa em Tartus- território da Síria. Este estudo está disponível em fontes abertas no endereço <[www.understandingwar.org/sites/default/files/background\\_Russian\\_NavalBaseTartus.pdf](http://www.understandingwar.org/sites/default/files/background_Russian_NavalBaseTartus.pdf)> Acesso em 15 ago. 2015.

Essas alterações apontadas por Theunens são ressaltadas no relatório Brahimi que resultou no desenvolvimento do PKI (PLATJE, 2001 p.381-390) que emprega a *OSINT*.

Para poder atender ao quesito de indicadores e alarmes, a inteligência não pode somente ficar restrita aos tradicionais campos políticos e militares, mas deve monitorar outros campos, de uma forma profissional, como cultura, sociologia e outros <sup>160</sup>(PLATJE 2001 p. 62).

O estabelecimento de indicadores e alarmes <sup>161</sup>é apresentado por Steele como um dos problemas a ser engajado pela *OSINT* sendo discutido dentro do PKI (PLATJE, 2001 p.393-394). A análise estratégica multidimensional apresentada por Steele é uma das respostas do emprego da *OSINT* ao enfoque apresentado por Theunens (STEELE 2001 p.152-154).

Outro ponto ressaltado por Theunens é o atinente à maior influência da mídia internacional e nacional que passou a ser ator importante no processo de tomada de decisão política (PLATJE, 2001 p. 62). A mídia tem um papel ambíguo na missão de paz, por um lado é uma importante fonte de *OSINT*, por outro exerce influência e sua tendência pode ser contraproducente (PLATJE, 2001 p. 64).

Nesse ponto, o JMAC da UNIFIL editava e atualizava uma relação das ligações da mídia e suas tendências. Este conhecimento é de extrema importância na *OSINT*, pois impacta na fase de processamento e análise da metodologia de inteligência, em que se realiza a fase da discriminação do 4D's. Não menos importante, está diretamente relacionada à autenticidade do sítio (ou fonte) sendo que nesse caso o foco é em relação a acurácia; credibilidade e autoridade; e autoridade, conforme definidos por Steele (STEELE, 2002 p. 182-192).

---

<sup>160</sup> O próprio Kent já apontava que a inteligência deve atuar em outros campos, não ficando restrita aos campos apontados. (KENT, Sherman; **Informações estratégicas**.2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967. p.43-50)

<sup>161</sup> A *OSINT* é um dos instrumentos, porém não único, para o estabelecimento de indicadores e alarmes.

O exército dos EUA chama a atenção que a tendência de uma fonte é uma das principais preocupações da *OSINT*, já que não se obtém normalmente os dados a partir de observação direta da atividade, sendo dependente de fontes secundárias, como por exemplo, fontes governamentais, organizações comerciais de notícias, organizações não governamentais, e outros que podem intencionalmente modificar, adicionar, apagar ou filtrar as informações disponibilizadas. Por isso é importante conhecer a tendência de determinada fonte e o motivo daquele dado ter se tornado público, de forma a distinguir os objetivos, a informação real, identificar as tendências ou destacar os esforços visando ludibriar o leitor<sup>162</sup>.

Theunens relata que a mídia compete com as organizações de inteligência e produzem notícias de última hora de qualquer lugar do globo. Os decisores esperam que as organizações de inteligência possam investigar e prover respostas prontamente às questões levantadas em tempos curtos (PLATJE, 2001 p. 64). Kent já apontava que as organizações de inteligência deveriam trabalhar como organizações jornalísticas no que tange ao prazo de apresentação de seus produtos, o que evidencia desde aqueles tempos de ser expeditos na execução das tarefas (KENT, 1967 p.82-83).

Essa é uma das principais questões que podem ser atendidas pela *OSINT*, respaldadas por Steele quando ele apresenta que um dos determinantes para vencer a guerra da informação será aquele que a tiver no tempo certo (STEELE, 2001 p.336-337). A interligação entre a metodologia de inteligência e o ciclo de decisão (OODA) ocorre exatamente na capacidade da *OSINT* ter o conhecimento ou inteligência desejadas no momento certo, de forma a “girar” o ciclo de Boyle de forma mais expedita<sup>163</sup>. Esse processo não é de simples equacionamento e prescinde de uma grande interação entre o produtor de inteligência e o utilizador, de forma a apresentar as necessidades (EEI) e criticar, de forma

<sup>162</sup>ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **ATP 2-22.9- Open Source Intelligence**. Disponível em < <http://fas.org/irp/doddir/army/atp2-22-9.pdf>>. Acesso em: 26 Mar. 2015. p.2-9.

<sup>163</sup>Cabe ressaltar que no ambiente da UNIFIL o sugerido acima pelo autor deste trabalho não estava aparentemente implementado, já que a resposta a questionamentos da imprensa eram gerados pelo *Public Information Office* (PIO), por vezes por consulta direta as seções de Estado-Maior envolvidas no assunto.

construtiva, o produto (PLATJE, 2001 p.64-65). Ou seja, a maior validade desta interação está em um confronto, considerando planejamento e execução, onde quem “gira” mais rápido a metodologia de inteligência vai contribuir para maior velocidade do OODA, dando ao decisor a possibilidade de decidir antes de seu oponente. A consequência positiva é que ele toma para si a iniciativa das ações e, em última análise, isto representa um fator crítico de sucesso para qualquer ação que envolva antagonismos.

Theunens relata que em uma missão de paz a ameaça é mais difusa e difícil de identificar. Paramilitares, voluntários, forças policiais autodeclaradas, lutadores pela liberdade, gangues e redes de criminosos organizados dominam o terreno, ao contrário de forças militares regulares.

Com isso, a missão de paz por vezes opera em uma situação denominada por ele de “*Catch-22*”<sup>164</sup>, na qual para implementar o mandato, a missão terá que cooperar com os centros de poder local, que, ao mesmo tempo representam o maior perigo a consecução do mandato. Essa situação impõe restrições à estrutura de inteligência, que em vez de focar em somente inteligência militar deve coletar um maior espectro de conhecimentos: políticos<sup>165</sup>; econômicos; geográficos; étnicos; linguísticos; sociais; sociológicos; culturais; religiosos; demográficos; biológicos; e ecológicos. Atualmente a estrutura de inteligência não opera mais em um ambiente somente militar, mas em um ambiente global e multidisciplinar.

Com isso, surge a necessidade de lidar com uma quantidade maior de dados e questões em um menor tempo, sendo necessários especialistas de fora do ambiente militar (PLATJE 2001 p.62-65).

Kent, em sua divisão organizacional, chamava a atenção para a preferência em dividir geograficamente as áreas de atuação (KENT 1967 p. 117-125). No caso em lide, a

---

<sup>164</sup> *Catch-22* ou *Ardil-22* é baseada no romance satírico histórico de Joseph Heller. É definido como uma situação paradoxal da qual não se pode escapar devido a regras contraditórias. (The Phrase Finder, *Catch 22*. Disponível em: <[www.phrases.org.uk/meanings/catch-22.html](http://www.phrases.org.uk/meanings/catch-22.html)> Acesso em 15 ago 2015)

<sup>165</sup> Segundo Kent essa limitação nunca ocorreu na inteligência.

própria missão de paz já atende este quesito, sendo que a necessidade de pessoal será para atender as demandas específicas da missão dentro do caráter de multidisciplinaridade.

Theunens também ressalta que em uma missão de paz a *OSINT* não será utilizada de uma forma isolada. As *HUMINT* e *SIGINT* também são empregadas, sofrendo as restrições impostas pelo país anfitrião (PLATJE, 2001 p 66).

As características de uma missão de paz são a neutralidade e a transparência, o que favorece o emprego da *OSINT*, já que é gerada com ética e legalidade, não podendo, *a priori*, ser encarada por nenhuma das partes envolvidas como espionagem (PLATJE, 2001 p 65).

Tendo em vista que as ameaças em uma missão de paz são difusas e difíceis de identificar a diferença tradicional entre os níveis táticos, operacional e estratégico de inteligência, que normalmente impacta nos produtos de inteligência, prova-se improdutiva. Ações táticas impactam no nível estratégico e vice-versa. A estrutura de inteligência deve ser suficientemente flexível para possibilitar uma troca permanente, integração e síntese dos três níveis <sup>166</sup>(PLATJE, 2001 p. 65).

Theunens relata que após os bombardeios no Kosovo (1999) o comitê de defesa da casa dos comuns do Reino Unido evoluiu a concepção da inteligência para identificação e análise de todas possíveis opções e reações do oponente, inclusive as irracionais<sup>167</sup>. Assim, se evitam surpresas e se permite aos planejadores e tomadores de decisão se preparar para todas as contingências e se evitam surpresas estratégicas (PLATJE 2001 p.65).

Convém ressaltar que os produtos eram disseminados pelo JMAC pela rede interna (*intranet*) da UNIFIL, o que permitia conectividade e troca segura de informações dentro do ambiente da missão e com o DPKO em Nova York. Além disso, os produtos eram disseminados em sua maioria como confidencial restrito ao pessoal da missão, não sendo permitida a divulgação a pessoal extra - missão, porém de ampla divulgação interna.

---

<sup>166</sup> Qualquer inteligência deve ser capaz de produzir produtos com esta flexibilidade.

<sup>167</sup> Para nossa cultura pode-se considerar como irracionais os *kamikazes* japoneses da segunda guerra mundial e os homens-bomba de agora.

#### 4.2- A *OSINT* como apoio à inteligência ao entorno estratégico.

Neste item apresentaremos uma possibilidade da *OSINT* em apoio ao conhecimento do que ocorre no entorno estratégico do Brasil, sem esgotar o assunto.

É de importância estratégica <sup>168</sup> para a MB saber quais são as unidades de outras Marinhas, além das dos próprios países limítrofes, navegam nas águas do Atlântico Sul.

Esse conhecimento atenderia às necessidades inerentes a Consciência Situacional Marítima<sup>169</sup> (CSM) e complementar as informações obtidas pelo Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAz). Cabe ressaltar, que as características de qualquer meio naval são encontradas em uma pesquisa na internet, porém sua localização em determinado momento, assim como, o seu aprestamento<sup>170</sup> são dados que não são disponibilizados.

Uma atitude plausível é procurar acompanhar os eventuais portos de escala de um Navio ou Força Naval para possuir um alarme de sua presença na área do entorno estratégico.

Esse é um levantamento que pode ser realizado a partir do emprego de fontes abertas utilizando-se a metodologia de produção de inteligência apresentada por Steele e o 4D 's. A vantagem de empregar a *OSINT* é poder compartilhar os dados com outros Estados, como por exemplo, os integrantes da União das Nações Sul-Americanas<sup>171</sup> (UNASUL) dentro

<sup>168</sup> Esse conhecimento pode ter impactos em um Projeto de Força.

<sup>169</sup> Consciência Situacional Marítima (CSM) – Formação de percepção advinda do processamento de todos dados disponíveis que podem afetar as linhas de comunicação marítima, a exploração e o aproveitamento dos recursos vivos e não vivos; o meio ambiente e a proteção e a defesa nas águas jurisdicionais e a salvaguarda da vida humana no mar na região de responsabilidade SAR, resultando em informações acuradas, oportunas e relevantes.

(BRASIL, **EMA- 305**- Doutrina básica da marinha (DBM). 2 Rev. Estado-Maior da Armada, 2014 p.A-8.)

<sup>170</sup> Aprestamento- Conjunto de medidas de prontificação ou preparo de uma Força ou parte dela, especialmente as relativas a instrução, adestramento, pessoal, material ou logística, destinadas a colocá-la em condições de ser empregada a qualquer momento.

(BRASIL, **Glossário**. Ministério da Defesa. Disponível em: <[www.defesa.gov.br/glossario](http://www.defesa.gov.br/glossario)> Acesso em 16 ago 2015.)

<sup>171</sup> União das Nações Sul Americanas (UNASUL)- Organização internacional cujo objetivo é promover a integração regional com base na convergência de interesses em torno da consolidação de uma identidade própria e do desenvolvimento econômico e social da região. Os seguintes países integram a UNASUL: Argentina; Bolívia; Brasil; Chile; Colômbia; Equador; Guiana; Paraguai; Peru; Suriname; Uruguai; e Venezuela.

(BRASIL, **Glossário**. Ministério da Defesa. Disponível em: <[www.defesa.gov.br/glossario](http://www.defesa.gov.br/glossario)> Acesso em 16 ago. 2015.)

do Conselho de Defesa Sul-Americano<sup>172</sup> (CDS), o que ocorreria sem restrições já que a inteligência foi obtida de forma ética e legal.

A primeira fase da metodologia de produção de inteligência, é o planejamento e o direcionamento, reveste-se de suma importância, pois nessa o utilizador do conhecimento deve estabelecer de forma clara e específica o que é desejado conhecer sendo estabelecidos os EEI e é a fase de estabelecimento dos requisitos das fontes abertas a serem empregadas. Esta é uma fase importante para solução da questão, pois nela que serão definidos limites do que se deseja conhecer e como se deve orientar a coleta. É uma fase cíclica. Por exemplo, quais portos foram estabelecidos que devem ser monitorados? As passagens oceânicas, como o Canal do Panamá, devem ser monitoradas? Qual o porte e as características dos Navios a serem monitorados?

Na fase da coleta se estabelecem quais as fontes abertas que serão empregadas e se elaboram os requisitos de inteligência, a partir das necessidades de inteligência. É realizada a descoberta, ou seja, o levantamento a partir dos requisitos de quais fontes serão empregadas. Podemos citar a disponibilidade de *Automatic Identification System*<sup>173</sup> (AIS) *on-line* por satélite (pagos), ou mesmo sites de interessados que possam informar o tráfego de Navios em determinada localização<sup>174</sup>. Também serão estabelecidos os requisitos quanto ao

---

<sup>172</sup>Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS) – Instituído em dezembro de 2008 pelos 12 países constituintes da UNASUL, o CDS tem o objetivo de consolidar a América do Sul como uma zona de paz, criando as condições para a estabilidade política e o desenvolvimento econômico-social; bem como construir uma identidade de defesa sul-americana, gerando consensos que contribuam para fortalecer a cooperação no continente.

(BRASIL, **Relações Internacionais**. Ministério da Defesa. Disponível em: <[www.defesa.gov.br/relações-internacionais/foruns-internacionais/cds](http://www.defesa.gov.br/relações-internacionais/foruns-internacionais/cds)> Acesso em 17 ago. 2015.)

<sup>173</sup>Não obstante o AIS não ser de emprego obrigatório por parte de Navios de Guerra, algumas passagens oceânicas como o canal do Panamá exigem seu emprego e algumas Marinhas não disciplinaram seu emprego sendo possível rastrear seus Navios por AIS.

<sup>174</sup>Como exemplo podemos citar um site mantido por interessados em Navios que informa com um atraso de 24 a 48 horas o tráfego de Navios de Guerra pelo estreito do Bósforo na Turquia. Por esse site se consegue monitorar com relativa fidedignidade todo tráfego de Navios que entram ou saem do Mar Negro e conseqüentemente o movimento de Navios Russos da frota do Mar Negro que se dirigem ao Mediterrâneo em particular a Síria. O site em questão está disponível em <[www.turkishnavy.net](http://www.turkishnavy.net)> Acesso em 18 ago. 2015.

conhecimento de línguas para efetuar a coleta nas diversas fontes. Inicia-se a elaboração da tabela de links a ser empregada.

Na fase de processamento e exploração é realizada a discriminação dos dados obtidos, separando-se o que é relevante. Também nessa fase que se verifica a autenticidade dos dados e das fontes. A tabela de links compilada na fase anterior é depurada e atualizada.

A fase seguinte é a de produção, coincidente com a destilação (extração), onde os dados das diversas fontes serão amalgamados e o produto tomará forma. Será elaborado o relatório e a apresentação que no caso poderá ser um *briefing* diário de inteligência. É a fase de maior agregação de valor do processo.

Por último é a fase de disseminação e evolução, onde se destacam a concisão e a forma de entrega que melhor atenda ao utilizador. Nessa fase são importantes a conectividade e comunicações para rápida entrega do produto, assim como a segurança das informações. O grau de sigilo será estabelecido de acordo com o entendimento da sensibilidade do que foi produzido, buscando-se sempre o menor sigilo possível.

Com isso, sem esgotar o assunto, apresentou-se uma possibilidade de emprego da *OSINT*, que pode ser ampliada (por exemplo, acompanhar outros contatos de interesse) e empregada em outras demandas. Observamos que a principal fase está em exatamente estabelecer os requisitos desejados selecionando as fontes abertas a serem empregadas. Ressalta-se que o processo é cíclico e deve ser aperfeiçoado diuturnamente.

#### **4.3- Considerações parciais.**

A ONU priorizou os dez maiores perigos à segurança global, que em sua maioria transcendem a área de atuação dos Estados, sendo muitos decorrentes das novas ameaças. Assim como o campo das Relações Internacionais vem evoluindo a inteligência tem consequentemente acompanhado essa evolução e algumas adaptações à teoria de Kent foram realizadas para acompanhar essa nova realidade.

Dentro desse contexto surge a *OSINT* em complemento as ferramentas e metodologia de produção de inteligência já existentes. Como não poderia deixar de ser a MB também enfrenta essa nova realidade, dentre as quais as missões de paz, em que a *OSINT*, já é largamente empregada.

O papel da mídia, cada vez mais instantânea, que ao mesmo tempo em que atua como uma fonte de dados pode moldar desfavoravelmente a opinião pública em relação à missão. Para fazer frente e permitir um melhor relacionamento e maior rapidez nas eventuais reações que se fizeram necessárias, um dos processos de obtenção de conhecimento disponíveis é a *OSINT*.

Dentre os documentos condicionantes da estratégia da MB temos a PND que conceitua o entorno estratégico como área de interesse e a END que dentre outros chama a atenção para o estabelecimento de identificação de ameaças, que por si pressupõe o estabelecimento de alarmes e indicadores, um dos pontos-chave apontados na teoria da *OSINT*, que poderia suplantar uma das fraquezas do arcabouço teórico então empregado.

A maior integração regional do Brasil pressupõe um maior compartilhamento de inteligência<sup>175</sup> entre as nações o que pode ser atendido com o emprego da *OSINT*.

A MB possui oficiais como oficiais de ligação em comandos multinacionais, que poderiam atuar com um suporte maior de inteligência e ampliar as possibilidades de compartilhamento de conhecimentos, a partir de inteligência gerada pela *OSINT*.

Além do acompanhamento de novas ameaças a *OSINT* se presta também à coleta de dados que possam ampliar a Consciência Situacional Marítima possibilitando criar um sistema de indicadores e alarmes da presença de contatos de interesse no entorno estratégico.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

---

<sup>175</sup>Esse compartilhamento de inteligência já ocorre dentro da OTAN, porém não é pleno como pode ser verificado nas revelações do caso Snowden.

Conforme apresentado, a teoria de Steele atinente à *OSINT* possui aprimoramentos em relação ao arcabouço teórico apresentado por Sherman Kent ao final da segunda guerra mundial. Essa evolução concedeu um processo de obtenção de conhecimento que possibilita explorar a literal “explosão” de dados e conhecimentos disponibilizados com o surgimento e evolução da *internet*.

Por outro lado, as necessidades de inteligência também evoluíram de uma situação em que a primazia era a relação entre Estados para uma maior importância ao papel desempenhado pelos atores não estatais.

Essa alteração já era evidente ao final do século passado quando Steele se refere ao Fenômeno de Área Cinzenta (*GAP*) e apresenta a *OSINT* com um processo de obtenção de conhecimento para fazer frente a tais desafios.

Após o colapso da União Soviética, conjugado com a não previsão da invasão do Kuwait pelo Iraque, começa a ser dada uma maior importância e esse processo de obtenção de conhecimentos.

Dentro das operações de manutenção de paz da ONU surge o conceito de inteligência para a manutenção da paz (PKI) que emprega a *OSINT* como um processo de obtenção de conhecimento aceitável. A *OSINT* é qualificada para tal por ser baseada em fontes abertas, ética, legal e não remeter a formas clandestinas de aquisição de dados, o que mantém as características de neutralidade e transparência de uma missão de paz. Além disso, seus produtos são adequados para serem compartilhados entre os diversos componentes da missão. Essa característica também habilita a *OSINT* para emprego em operações combinadas ou multinacionais.

A característica da *OSINT* é a aplicação de uma metodologia de inteligência em uma variedade de fontes abertas que resultarão em um conhecimento desejado. Caso esse

conhecimento seja confrontado e confirmado com conhecimentos de fontes classificadas e fidedignos podemos denominar como *OSINT* validada.

Além do citado a *OSINT* é uma resposta à falta de indicadores e alarmes eficazes, na atualidade, que permitam detectar rápidas evoluções em determinado cenário. Para possibilitar a disponibilidade dessas ferramentas Steele evoluiu, dentre outros, os conceitos de estatura estratégica e vulnerabilidades específicas utilizadas na etapa especulativa avaliativa de Kent para as generalidades estratégicas e a análise multidimensional estratégica, ampliando o alcance desta análise.

Diversas outras evoluções ao arcabouço teórico são apresentados, porém diversos conceitos descritos por Kent são mantidos, como por exemplo, a concisão na fase final da metodologia de produção de inteligência e a preocupação em privilegiar o raciocínio e o método científico na obtenção do conhecimento. Também é relevante a preocupação de Kent em procurar separar os produtores de inteligência dos utilizadores para que a geração de conhecimento não seja influenciada pelos últimos nem relegada a segundo plano pela diluição da equipe.

As estruturas de pessoal apresentadas por Kent mantém relação com as de Steele sendo adaptadas à tecnologia da informação, que foi o fator preponderante pelo exponencial crescimento da disponibilidade de dados e conhecimentos. Uma das necessidades atinentes a pessoal que se mantém desde Kent é a necessidade de pessoal com conhecimento de línguas estrangeiras.

Essa imensa disponibilidade de dados é um dos problemas atuais das agências de inteligência que pode levar ao “*overload* cognitivo” que é a incapacidade de processar uma quantidade imensa de informações levando a falhas de julgamento e análises menos efetivas para o processo decisório<sup>176</sup>.

---

<sup>176</sup> Com o emprego da Técnica de Avaliação de Dados o analista pode mitigar ou dirimir esta característica. Essa técnica está contida no item 3.7 do Manual MD-52-M-01 Doutrina de Inteligência de Defesa.

A contribuição da *OSINT* é possibilitar, desde o início de sua metodologia de produção de inteligência, estabelecer um foco, por meio dos Elementos Essenciais de Inteligência, e limites naquilo que se deseja conhecer ou monitorar. A metodologia de produção de inteligência também aplica diversas ferramentas que possibilitam discriminar o que é útil para o utilizador e apresentar o produto no formato desejado por ele.

Outro problema levantado por diversos autores desde Kent é o referente ao excesso de sigilo, que pode fazer com que um conhecimento não seja empregado com os consequentes prejuízos na análise e tomada de decisão. O emprego de fontes abertas permite desclassificar esses conhecimentos, quando já são de domínio público.

É importante ressaltar que a *OSINT* complementa e não substitui as outras fontes de inteligência, permanecendo a importância dessas para a obtenção de inteligência. A *OSINT* é um processo de obtenção de conhecimentos mais barato, permitindo a adequação a novos patamares orçamentários, e produz subsídios para busca ou coleta por outros meios. Fontes abertas não são sinônimo de fontes grátis e muitas fontes abertas disponíveis são pagas.

Os números disponíveis depõem a favor da *OSINT*. De 90 a 95% de todas as informações não são classificadas nem podem ser mantidas classificadas, 75% do que é classificado pode ter seu sigilo reduzido e 80% dos dados atinentes a terrorismo, genocídio e proliferação de armas podem ser obtidos a partir de fontes abertas.

Um dos maiores desafios atuais é possibilitar que o ciclo decisório ou de OODA seja completado no menor tempo possível e, para tal é necessário que as informações aos decisores estejam disponíveis no tempo certo (*just in time*). Essa maior velocidade na obtenção do conhecimento e uma inteligência mais focada é um dos objetivos da *OSINT*. Ou seja, a maior validade desta interação está em um confronto, considerando planejamento e execução, onde quem “gira” mais rápido a metodologia de inteligência vai contribuir para

maior velocidade do OODA, dando ao decisor a possibilidade de decidir antes de seu oponente. A consequência positiva é que ele toma para si a iniciativa das ações e, em última análise, isto representa um fator crítico de sucesso para qualquer ação que envolva antagonismos.

Para atender a esse desafio a *OSINT* disponibiliza diversos procedimentos e ferramentas, que vão desde o acesso direto entre o utilizador e o detentor do conhecimento até a manutenção de tabelas de links para sítios em que o dado possa obtido. Assim como, formatos diversos de disponibilização e disseminação da inteligência de forma a atender as especificidades do utilizador.

Para o perfeito funcionamento de uma estrutura de *OSINT* é necessário um ambiente de troca de informações entre as diversas agências e também com os utilizadores, para tal são necessários conectividade, conteúdo, coordenação, comunicações e segurança de informações.

Dentro do contexto da MB a utilização da *OSINT* possui um vasto campo de emprego. Nas operações de manutenção da paz da ONU a *OSINT* já é largamente empregada e o conhecimento de seus princípios capacitaria melhor o pessoal a ser desdobrado nessas missões. A preparação do pessoal que participará de Estados Maiores ou comando de força dentro de uma missão de paz também pode ser realizada a partir de conhecimentos obtidos da *OSINT*. E no desenrolar da missão o monitoramento das condições da missão pode ser realizado, em conjunto com outros meios, empregando primordialmente a *OSINT*.

A *OSINT* também pode ser empregada para estabelecimento de indicadores e alarmes de ameaças dentro do entorno estratégico definido na PND, além de obtenção de conhecimento atinente às novas ameaças.

É relevante ressaltar que a maior integração regional do Brasil poderá ocasionar em uma demanda para compartilhamento de inteligência. Neste caso os produtos provenientes

da *OSINT* são os mais recomendados, assim como o emprego de uma metodologia de produção de inteligência de *OSINT* para os casos de operações combinadas de das quais se obtém os dados a serem empregados a *OSINT* se preza a subsidiar diversas áreas de conhecimento dentro da MB.

Frente ao acima exposto e detalhado neste trabalho, a utilização da *OSINT* é recomendada, principalmente tendo em vista as projeções de disponibilidade de recursos que obrigarão a rearranjos em diversas atividades visando reduzir custos sem substancial perda de qualidade dos serviços e informações disponibilizados.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **EMA- 305-** Doutrina básica da marinha (DBM). 2 Rev. Estado-Maior da Armada, 2014. 102p

\_\_\_\_\_, **Estratégia Nacional de Defesa (END)**, 2012a. Disponível em: <[www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/end.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/end.pdf)> Acesso em 14 ago 2015.

\_\_\_\_\_, **CGCFN-0-1- Manual de fundamentos de fuzileiros navais**. 1 Rev. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, 2013. 56p.

\_\_\_\_\_, **MD30-M-01- Doutrina de Operações Conjuntas**. 1 ed. Ministério da Defesa Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2011. 128 p.

\_\_\_\_\_, **MD32-M-01-Doutrina Inteligência Operacional para Operações Combinadas**. 1 ed. Ministério da Defesa Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2006. 128 p.

\_\_\_\_\_, **MD-52-01 Doutrina de Inteligência de Defesa**, 2005. Disponível em: <[http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52\\_n\\_01.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/inteligencia/md52_n_01.pdf)> Acesso em 18 nov 2015.

\_\_\_\_\_, **Política Nacional de Defesa (PND)**, 2012b. Disponível em:< [www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/pnd.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/pnd.pdf)> Acesso em 14 ago 2015.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **ATP 2-22.9 –Open source intelligence** . Disponível em < <http://fas.org/irp/doddir/army/atp2-22-9.pdf>> . Acesso em: 26 Mar. 2015.

\_\_\_\_\_, **Joint Interagency Task Force South**. Disponível em: <[www.jiatfs.southcom.mil/index.aspx](http://www.jiatfs.southcom.mil/index.aspx)>. Acesso em: 14 ago 2015

\_\_\_\_\_. **U.S. DoD terminology: essential elements of information**. Disponível em <[www.militaryfactory.com/dictionary/military-terms-defined.asp?term\\_id=1924](http://www.militaryfactory.com/dictionary/military-terms-defined.asp?term_id=1924)> Acesso em 26 jul 2015.

\_\_\_\_\_. **The national intelligence strategy of the United States of America**. Disponível em: <[http://www.dni.gov/files/documents/2014\\_NIS\\_Publication.pdf](http://www.dni.gov/files/documents/2014_NIS_Publication.pdf)> . Acesso em: 26 Mar. 2015.

CALENDORO,Raul:**Network**. Disponível em : <[www.administradores.com.br/artigos/marketing/voce-faz-network/26722/](http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/voce-faz-network/26722/)> Acesso em: 24 jul 2015.

CARBONE, Pedro Paulo, João Batista Diniz Leite, Rosa Maria de Paula Vilhena. **Gestão por competências e gestão do conhecimento**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2009. 176 p.

FIORI, J.L. **O Brasil e seu entorno Estratégico na Primeira Década do Século XXI**. In: Sader, Emir. (Org) 10 Anos de Governos Pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**.8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.255 p.

GONÇALVES, Williams; **Relações Internacionais**. Disponível em : <[www.cedep.ifch.ufrgs.br/textos\\_Elet/WilliamsRR.II.pdf](http://www.cedep.ifch.ufrgs.br/textos_Elet/WilliamsRR.II.pdf)> Acesso em 27 mar. 2015

HOLDEN- RHODES, J.F; *Sharing the secrets: open source intelligence and the war on drugs*.1. ed. Londres: Praeger Publishers, 1997.235p.

JOHNSON, Lock K; *The handbook of intelligence studies*, 1.ed. New York: Taylor & Francis e-library, 2006. 382p.

KENT, Sherman; **Informações estratégicas**.2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.213p.

LITTERIS, Consulting. **A internet profunda: segredos riscos e ameaças**. Disponível em:<[www.litterisconsulting.com.br/internet-profunda-segredos-riscos-e-ameacas](http://www.litterisconsulting.com.br/internet-profunda-segredos-riscos-e-ameacas)>. Acesso em: 26 jul 2015.

LUTTWAK, Edward N.; **Estratégia – a lógica da guerra e da paz**, 1.ed. Biblioteca do Exército Editora, 2009. 368p.

MILITARY INTELLIGENCE, Fort Huachuca (Az): October-December 2005: Disponível em <[https://fas.org/irp/agency/army/mipb/2005\\_04.pdf](https://fas.org/irp/agency/army/mipb/2005_04.pdf)> Acesso em : 29Mar 2015

NYE, Joseph S. Jr: Havard Kennedy School; Disponível em:<[www.hks.harvard.edu/about/faculty-staff-directory/joseph-nye](http://www.hks.harvard.edu/about/faculty-staff-directory/joseph-nye)> Acesso em : 18 jul.2015

PLATJE, Wies, Ben de Jong, Robert David Steele; **Peacekeeping intelligence: emerging concepts for the future**.1.ed. Oakton: OSS International Press. 2001.532p.

PLATT, Washington; **A produção de informações estratégicas**.2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1974.328p.

PUBLIC INTELLIGENCE, Renaud Theunens. Disponível em <[www.phibetaiota.net/2007/03/whos-who-in-peace-intelligence-renaud-theunens](http://www.phibetaiota.net/2007/03/whos-who-in-peace-intelligence-renaud-theunens)> Acesso em: 14 ago 2015

SILVA, Antônio Ruy de Almeida Silva, “**AS NOVAS AMEAÇAS” E A MARINHA DO BRASIL**. Disponível em < [www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/marinhaNovasAmeacas.pdf](http://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/marinhaNovasAmeacas.pdf)> Acesso em : 1 jul 2015

STEELE, Robert David; **on intelligence: spies and secrecy in a open world**.1.ed. Oakton: OSS International Press. 2001.495p.

\_\_\_\_\_ ; **Intelligence for earth. clarity, diversity, integrity, & sustainability**.1. Ed. Oakton: Earth Intelligence Network. 2010. 278p.

\_\_\_\_\_ ; **The new craft of intelligence. personal, public, & political**.1. Ed. Oakton: OSS International Press. 2002. 438p.

TZU, Sun. **A arte da guerra**, 11ª ed. Record, 1983. 111p.

YOUNG, Alex: “**Too much information: ineffective intelligence collection**”. Disponível em: <[www.hir.harvard.edu/archives/10382](http://www.hir.harvard.edu/archives/10382)> Acesso em: 11 jul. 2015



## ANEXO A

Concepção para Análise Integrada de Inteligência<sup>177</sup>

	Militar	Civil	Geográfico
Estratégico	Sustentabilidade	Aliados	Localização
Operacional	Disponibilidade	Instabilidade	Recursos
Tático	Confiabilidade	Psicologia	Terreno
Técnico	Letalidade	Infraestrutura	Atmosfera

---

<sup>177</sup>Tradução nossa da concepção para análise integrada de inteligência.

STEELE, Robert David; *On Intelligence: Spies and secrecy in a Open World*. 1.ed. Oakton: OSS International Press. 2001.p. 148.

## ANEXO B

Tabela de indicadores e alarmes<sup>178</sup>

	Político Legal	Sócio Econômico	Ideológico Cultural	Técnico Demográfico	Natural Geográfico
Percepções	Isolamento das Elites, Inteligência inadequada	Concentração de Riquezas, Falta de divulgação	Mitos conflitantes, Socialização inadequada	Aceitação de distorções da mídia, Educação Inadequada	Confiança em um setor único de produção, concentração de posse de terras
Identidade	Falta de consenso da elite, Falha em definir prioridades	Perda da iniciativa econômica, Falha em conduzir um crescimento balanceado	Perda de autoridade, Falha em prover e honrar uma identidade cultural (mitos)	Falha em aceitar e explorar novas tecnologias e novos grupos	Falha em integrar territórios afastados dentro do “sistema nacional”
Competência	Governo fraco ou ineficiente, Burocracia em excesso ou de menos	Colapso da política monetária, desenvolvimento esta ou de bem estar,	Humilhação da liderança, perda de confiança da população	Falha em impor as prioridades com a resultante perda da oportunidade	Falha na preparação e gerência de ações visando lidar com desastres naturais
Investimentos	Governo egocêntrico ou paroquial	Mobilidade excessiva ou insuficiente, falta de presença do setor governamental	Cinismo, oportunismo, corrupção	Falha em nutrir o espírito empresarial ou de franquia de todos os grupos	Falha em preservar ou explorar de maneira sustentável os recursos naturais
Risco	Elite intransigente; Repressiva; falha adaptativa	Falha em combater o crime, especialmente o de “colarinho branco	Falha em lidar com o preconceito, deserção de intelectuais	Falha em incentivar programas de pesquisa e desenvolvimento	Falha em proteger os direitos humanos; falha em proteger espécies animais

<sup>178</sup>Tradução nossa da estrutura de predição de revolução.

STEELE, Robert David; *On Intelligence: Spies and secrecy in a Open World*. 1.ed. Oakton: OSS International Press. 2001.p. 154.

	Político Legal	Sócio Econômico	Ideológico Cultural	Técnico Demográfico	Natural Geográfico
Extroversão	Gerenciamento inefetivo de tensões; Falha em examinar falsas premissas	Diferenças estruturais; Falta de sistemas de transporte	Adoção de padrões estrangeiros pela elite; falha em lidar com a alienação	Falha em desenvolver infraestrutura de comunicações; compartilhamento de imagens	Falha em explorar vantagens da integração regional
Transcendência <sup>179</sup>	Controle estrangeiro do governo; Arbitrariedade ou governo excessivo	Perda de setores vitais para provedores estrangeiros; Perda do controle de qualidade	Censura da mídia; supressão do discurso intelectual	Falha em controlar a polícia, Forças Armadas ou terroristas	Falha em respeitar as restrições naturais ou apoiar o crescimento orgânico.
Sinergia	Falha em assimilar todos indivíduos ou responder a grupos	Discrepâncias de status; Falta de motivação econômica	Ausência de mitos subliminares; Falha de religião	Falha em prover assessoria para programas e desenvolvimento	Falha em distribuir os benefícios entre os espaços rurais e urbanos
Complexidade	Situação do setor industrial, militar e bem-estar social	Crescimento não estável; Excesso de verba para o Ministério da Defesa	Predisposição cultural para violência	Excesso de urbanização, poluição e desenvolvimento	Falta de terras para expansão, uso ineficiente da terra.

<sup>179</sup> Transcendência- Qualidade de exceder as fronteiras da própria classe ou do próprio âmbito.